

**UNIVERSIDADE DE RIO VERDE (UniRV)
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

DANNIELY FERREIRA NASCIMENTO

**DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA: UM ESTUDO SOBRE AS
FONTES DE RECURSOS DAS EMPRESAS DO SETOR DE
CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA, LISTADAS NA BM&FBOVESPA**

RIO VERDE, GO

2017

DANNIELY FERREIRA NASCIMENTO

**DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA: UM ESTUDO SOBRE AS FONTES
DE RECURSOS DAS EMPRESAS DO SETOR DE CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA,
LISTADAS NA BM&FBOVESPA**

Trabalho de conclusão de curso II apresentada à Banca Examinadora do Curso de Ciências Contábeis da Universidade de Rio Verde (UniRV), como exigência parcial para obtenção de título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof.º Esp. Bruno Sabino de Sousa

RIO VERDE, GO

2017

Ficha Catalográfica

NASCIMENTO, Danniely Ferreira.

Demonstração dos fluxos de caixa: um estudo sobre as fontes de recursos das empresas do setor de construção e engenharia, listadas na BM&FBOVESPA / Danniely Ferreira Nascimento. - Rio Verde. - 2017.

56 f.

Trabalho de Conclusão de Curso II (Graduação) apresentado à Universidade de Rio Verde – UniRV - Faculdade de Ciências Contábeis, 2017.

Orientador: Prof.º Esp. Bruno Sabino de Sousa

1. Geração. 2. Consumo. 3. Caixa e Atividades.

Bibliotecário(a) responsável:

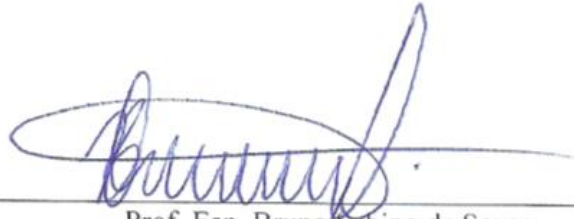
DANNIELY FERREIRA NASCIMENTO

**DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA: UM ESTUDO SOBRE AS
FONTES DE RECURSOS DAS EMPRESAS DO SETOR DE CONSTRUÇÃO E
ENGENHARIA, LISTADAS NA BM&FBOVESPA**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado a Banca Examinadora do Curso de Ciências Contábeis da Universidade de Rio Verde (UniRV), como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Rio Verde, GO, 05 de junho de 2017

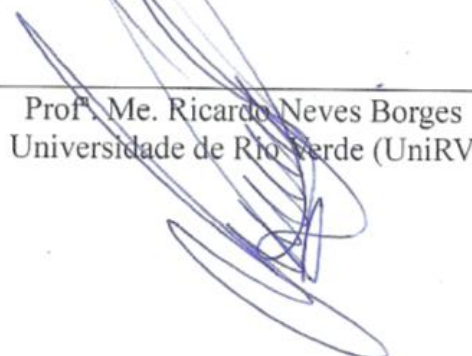
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Bruno Sabino de Sousa
Universidade de Rio Verde (UniRV)



Prof. Esp. Leonardo Antônio Rodrigues
Universidade de Rio Verde (UniRV)



Prof. Me. Ricardo Neves Borges
Universidade de Rio Verde (UniRV)

Dedico este trabalho especialmente a minha mãe Elzeni Ferreira Lima, por ter me apoiado ao longo da minha caminhada e por ter me dado forças para seguir em frente na realização desse nosso sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por mais esta conquista e por permitir que chegasse até aqui, a minha família, em especial minha mãe Elzeni Ferreira Lima e ao meu esposo Adnael Araujo Gomes, por terem me incentivado a seguir em frente e por estarem ao meu lado me apoiando nas horas que mais precisei e por não ter deixado que eu desistisse deste sonho.

Agradeço a todos os professores que compartilharam de seus conhecimentos, em especial ao professor e orientador Bruno Sabino de Sousa pelos ensinamentos e por ter sido o meu guia durante a execução do trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas, em especial aos meus amigos e companheiros do dia-a-dia Dionica Vieira Malta, Marcus Vinicius Nunes, Gustavo Carmo Sato e Leticia Felix de Jesus, por estarem sempre ao meu lado todo esse tempo, amigos que levarei comigo para toda a vida, desejo a vocês todo sucesso que o mundo possa oferecer, que Deus abençoe o caminho de vocês.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para conclusão dessa caminhada e para realização dessa conquista em minha vida.

RESUMO

O presente trabalho busca ressaltar a importância da Demonstração dos Fluxos de Caixa na empresa, sendo considerada como uma ferramenta indispensável junto as demais demonstrações contábeis, quando o assunto se refere ao gerenciamento e controle do caixa das empresas. A DFC permite que as empresas tenham ciência da saúde financeira e, principalmente em um mundo corporativo competitivo, auxilia no processo de tomada de decisões. Este estudo tem como objetivo verificar o quanto cada atividade apresentada na Demonstração dos Fluxos de Caixa contribui para formação do caixa líquido das empresas do setor de construção e engenharia listadas na BM&FBOVESPA. A referida pesquisa caracteriza como descritiva baseada em abordagem de dados quantitativa realizada por meio de coleta de dados classificados como indireta. As Demonstrações dos Fluxos de Caixa das 11 empresas estudadas foram extraídas do site do BM&FBOVESPA, onde foram analisadas a fim de buscar resposta para o objetivo proposto. De acordo com os demonstrativos foram constatados que a atividade operacional é a responsável pela maior geração de caixa, pois representa 69% de todos os recursos gerados, seguida da atividade de financiamento que representa 29% de recursos gerados e a atividade de investimento 2%. Já em relação ao consumo de caixa, a atividade de investimento possui a maior representatividade com 41%, seguida da atividade de financiamento que representa 37% e pôr fim a atividade operacional que possui o menor consumo de caixa representando 22% do seu valor.

Palavras-chave: Geração. Consumo. Caixa e Atividades.

ABSTRACT

The present work seeks to demonstrate the importance of the statement of cash flows in the company, being regarded as an indispensable tool with the other financial statements, when it refers to the management and control of the companies. DFC allows companies have financial and health science, especially in a competitive business world, helps in the decision-making process. This study aims to check how much each activity presented in the cash flow statement contributes to formation of liquid box companies in the construction and engineering sector listed at BM&FBOVESPA. This research characterized as descriptive based on quantitative data approach accomplished through collection of data classified as indirect. The statements of cash flows of the 11 companies studied were extracted from the website of BM&FBOVESPA, where they were analyzed in order to get response to the objective propost. According to the statements had been evidenced that operational activity is responsible for the biggest cash generation, because it represents 69% of all resources generated, followed by the financing activity that represents 29% of resources generated and the 2% investment activity. Already in relation to consumption, investment activity has the largest representation with 41%, followed by the financing activity that represents 37% and finally the operational activity that has the lowest cash consumption representing 22% of your value.

Keywords: Generation. Consumption. Housing and activities.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Formação do Caixa Líquido - Azevedo e Travassos S.A. (2011 a 2015).....	34
GRÁFICO 2 – Formação do Caixa Líquido - Lix da Cunha S.A. (2011 a 2015).....	35
GRÁFICO 3 – Formação do Caixa Líquido - Construtora Sultepa S.A. (2011 a 2015).....	36
GRÁFICO 4 – Formação do Caixa Líquido - Mendes Junior Engenharia S.A. (2011 a 2015)	38
GRÁFICO 5 – Formação do Caixa Líquido - Sondotecnica Engenharia Solos S.A. (de 2011 a 2015).....	39
GRÁFICO 6 – Formação do Caixa Líquido - Tecnosolo Engenharia S.A. (2011 a 2015).....	40
GRÁFICO 7 – Formação do Caixa Líquido - Cerâmica Chiarelli S.A. (2011 a 2015)	41
GRÁFICO 8 – Formação do Caixa Líquido - Eternit S.A. (2011 a 2015).....	42
GRÁFICO 9 – Formação do Caixa Líquido - Haga S.A. Indústria e Comércio (2011 a 2015)	43
GRÁFICO 10 – Formação do Caixa Líquido - PBG S.A. (2011 a 2015).....	44
GRÁFICO 11 – Formação do Caixa Líquido - Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A. (2011 a 2015)	46
GRÁFICO 12 – Evolução das Atividades Operacionais (2011 a 2015)	47
GRÁFICO 13 – Evolução das Atividades de Investimento (2011 a 2015).....	49
GRÁFICO 14 – Evolução das Atividades de Financiamento (2011 a 2015).....	50

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Vantagens e desvantagens dos métodos	25
QUADRO 2 – Demonstração dos Fluxos de Caixa pelo Método Direto	27
QUADRO 3 – Demonstração dos Fluxos de Caixa pelo Método Indireto	28
QUADRO 4 – Empresas do setor de construção e engenharia listas na BM&FBOVESPA....	31
QUADRO 5 – Resultado das Análises Individuais	53

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	12
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
1.3 OBJETIVOS	13
1.3.1 Geral	13
1.3.3 Específicos.....	14
1.4 RELEVÂNCIA	14
1.5 DELIMITAÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1 ASPECTOS GERAIS DOS FLUXOS DE CAIXA.....	16
2.1.1 Fluxo de caixa - Conceito e objetivo.....	16
2.1.2 Atividades operacionais	17
2.1.3 Atividades de investimento	18
2.1.4 Atividades de financiamento	19
2.1.5 Conceito de caixa e equivalente de caixa.....	20
2.2 DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA.....	20
2.3 IMPORTÂNCIA DA DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA	21
2.4 MÉTODOS DE DIVULGAÇÃO	23
2.4.1 Método direto	23
2.4.2 Método indireto	24
2.4.3 Vantagens e desvantagens dos métodos de divulgação.....	25
2.5 ESTRUTURA DA DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA.....	25
2.5.1 Estrutura DFC - Método direto.....	26
2.5.2 Estrutura DFC - Método indireto	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 QUANTO AOS OBJETIVOS.....	29
3.2 QUANTO AOS PROCEDIMENTOS	29
3.3 QUANTO À ABORDAGEM DA PESQUISA	30
3.4 QUANTO ÀS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	30
3.5 PERÍODO A SER PESQUISADO	30

3.6 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	31
3.7 QUANTO À COLETA DE DADOS	31
3.8 ANÁLISE DE DADOS.....	32
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	33
4.1 COLETA DE DADOS	33
4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS POR EMPRESA	33
4.2.1 Azevedo e Travassos S.A. (Azevedo).....	34
4.2.2 Construtora Lix da Cunha S.A. (Lix da Cunha).....	35
4.2.3 Construtora Sultepa S.A. (Sultepa)	36
4.2.4 Mendes Junior Engenharia S.A. (Mendes Junior).....	37
4.2.5 Sondotecnica Engenharia Solos S.A. (Sondotecnica)	39
4.2.6 Tecnosolo Engenharia S.A. (Tecnosolo).....	40
4.2.7 Cerâmica Chiarelli S.A. (Chiarelli).....	41
4.2.8 Eternit S.A. (Eternit)	42
4.2.9 Haga S.A. Indústria e Comércio (Haga S/A)	43
4.2.10 PBG S.A. (Portobello).....	44
4.2.11 Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A. (Mills).....	45
4.3 ANÁLISE CONJUNTA DA EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES.....	47
4.3.1 Análise das atividades operacionais	47
4.3.2 Análise das atividades de investimentos	48
4.3.3 Análise das atividades de financiamentos	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O advento da Lei nº 11.638 de 28 de dezembro de 2007 trouxe a obrigatoriedade da Demonstração dos Fluxos de Caixa (DFC), em substituição à Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos (DOAR). As sociedades por ações, e companhias fechadas cujo patrimônio seja superior a R\$ 2.000.000,00 (dois milhões de reais), estará obrigada a elaboração e divulgação da DFC (FERRARI, 2014).

A Demonstração dos Fluxos de Caixa deve ser elaborada conforme requisitos dispostos no CPC 03, o qual foi formulado com base na norma Internacional de Contabilidade IAS 7 – *Statements of Cash Flows* (Demonstração dos Fluxos de Caixa), com semelhança a norma norte americana FAZ 95 - *Statements of Cash Flows* (Demonstração dos Fluxos de Caixa), e deve ser apresentada como parte integrante de suas demonstrações contábeis ao final de cada período (MARTINS et al., 2013).

Martins et al. (2013) agregam que a DFC tem como objetivo propiciar informações relevantes para seus usuários sobre os recebimentos e pagamentos em dinheiro de uma entidade, ocorridos em um determinado período, facilitando assim, a análise da capacidade que a entidade tem de gerar caixa e equivalente de caixa.

De acordo com o CPC 03 (R2) (2010), a demonstração dos Fluxos de Caixa, quando usada em conjunto com as demais demonstrações contábeis, proporciona informações para seus usuários, pois avalia as mudanças ocorridas nos ativos líquidos da entidade e sua estrutura financeira. Sendo assim as informações são úteis, pois avalia a capacidade de a entidade gerar caixa e equivalente de caixa. A demonstração também pode ser utilizada para fins de comparabilidade de desempenhos operacionais de diferentes entidades.

Na elaboração dos fluxos de caixa oriundos das atividades operacionais, poderá utilizar dois métodos de divulgação, que são os métodos direto e indireto. O FASB e o IASB recomendam a utilização do método direto, mas como a forma de divulgação é facultada pelo CPC 03, poderá ser divulgada pelo método indireto, também conhecido por método de conciliação (MARTINS et al., 2013).

O CPC 03 (R2) (2010, pg. 02) menciona que “Os usuários das demonstrações de uma entidade estão interessados em saber como a entidade gera e utiliza caixa e equivalentes de

caixa”. Sendo assim, a DFC pode ser considerada como uma eficiente ferramenta na análise financeira da entidade, pois através dela os seus usuários irão avaliar a capacidade que a entidade possui na geração de caixa e equivalentes de caixa, e auxilia com isso, nas futuras tomadas de decisões de forma mais correta e coerente, que gerem benefícios econômicos futuros para entidade.

Com a adoção do fluxo de caixa, tudo o que se faz dentro da entidade poderá ser projetado, pois a entidade terá uma visão de como suas finanças vão se comportar, e possibilita o conhecimento das necessidades de recursos e a forma de captação de recursos (OLIVEIRA; PEREZ JR.; SILVA, 2015).

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Lakatos e Marconi (2003) sugeriram significativas abordagens de que para desenvolver uma pesquisa com precisão ou exatidão é necessário saber qual a dificuldade da pesquisa, o ponto principal a ser investigado, ou seja, aquele problema que os autores desejam levantar.

Ao levar em consideração a afirmação acima, foi levantada a seguinte pergunta: Quanto cada atividade discriminada na Demonstração dos Fluxos de Caixa contribui para formação do caixa líquido nas empresas do setor de construção e engenharia, listadas na BM&FBOVESPA?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

“O problema também pode ser apresentado em forma de objetivos, o que representa um passo importante para a operacionalização da pesquisa e para esclarecer resultados esperados” (GIL, 2010, p. 13).

Diante do problema exposto acima a pesquisa tem como objetivo geral verificar nas Demonstrações dos Fluxos de Caixa o quanto cada atividade (operacionais, de investimentos e de financiamento) contribui para formação do caixa líquido nas empresas do setor de construção e engenharia, listadas na BM&FBOVESPA.

1.3.3 Específicos

- a) Definir Fluxo de Caixa;
- b) Conceituar os métodos de divulgação da Demonstração dos Fluxos de Caixa;
- c) Apresentar o modelo de estruturação da Demonstração dos Fluxos de Caixa;
- d) Verificar a representatividade de cada fonte de captação de recursos (operacionais, de investimento e de financiamento) em cada empresa que publicou a DFC no período estudado;
- e) Analisar de forma comparativa como essas fontes evoluíram em relação ao caixa líquido durante o período estudado.

1.4 RELEVÂNCIA

A Demonstração do Fluxo de caixa é uma fonte de informação para usuários que buscam respostas sobre o andamento da gestão financeira da entidade. Com isso, a DFC vem se tornando uma ferramenta indispensável junto com as demais demonstrações contábeis, sendo utilizada como auxílio na análise da situação financeira da entidade. Sendo assim, a DFC tem como objetivo principal a evidenciação da situação financeira da entidade (CPC 03 (R2), 2010).

Segundo o CPC 03 (R2) (2010), a entidade deve apresentar os fluxos de caixa de suas atividades operacionais, investimento e de financiamento de forma mais adequada ao seu ramo de atividade. Os fluxos de caixa referentes às atividades operacionais são considerados a principal fonte de recursos da entidade. É facultada a escolha do método de divulgação da Demonstração dos Fluxos de caixa. Dessa forma, a entidade deve analisar qual o método de divulgação mais adequado, tendo em vista que a DFC é essencial para seus usuários, na análise da capacidade que a entidade possui para geração de caixa e equivalentes de caixa, bem como suas necessidades de liquidez.

Com isso, este estudo é relevante, pois busca apresentar quanto cada atividade contribui para formação do caixa líquido nas empresas do setor de construção e engenharia listadas na BM&FBOVESPA, e se diferencia das demais por se tratar de uma pesquisa que irá demonstrar informações atualizadas, referentes aos anos de 2011 a 2015, expressando-se de forma mais clara e precisa, para que o leitor possa compreender as informações apresentadas.

A relevância da pesquisa para o meio acadêmico se faz ao esclarecer como e qual atividade mais contribui e impacta a formação do caixa líquido e quais os requisitos necessários para apresentação da DFC.

A pesquisa é pertinente por servir de auxílio para os usuários das demonstrações contábeis, pois tem como objetivo principal qual atividade possui maior influência e maior contribuição na formação do caixa líquido da DFC torna-se importante, por possuir grande influência no processo de tomada de decisão.

1.5 DELIMITAÇÃO

Este estudo delimita-se a analisar a divulgação da Demonstração dos Fluxos de Caixa, das empresas do setor de construção e engenharia, listadas na BM&FBOVESPA, do período de 2011 a 2015.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ASPECTOS GERAIS DOS FLUXOS DE CAIXA

2.1.1 Fluxo de caixa - Conceito e objetivo

O CPC 03 (R2) (2010) traz a definição de fluxos de caixa como todas as entradas e saídas de caixa, bem como todos os equivalentes de caixa, ou seja, representa toda movimentação de dinheiro da entidade. Define-se ainda caixa, como sendo todo numerário em espécie e depósitos disponíveis e equivalentes de caixa como aplicações financeiras de curto prazo e prontamente conversíveis em caixa.

O fluxo de caixa é um relatório que sempre trabalha com informações atuais. Desta forma pode-se dizer que é um relatório dinâmico que evidencia de maneira transparente e verdadeira a situação financeira da entidade (SILVA; NEIVA, 2010).

O objetivo primário da Demonstração dos Fluxos de Caixa é de prover informações relevantes sobre a movimentação de disponibilidades de uma entidade em um determinado período, que auxilia os usuários das demonstrações contábeis na análise da capacidade da entidade de gerar caixa e equivalentes de caixa, bem como suas necessidades de utilização desses fluxos de caixa (MARTINS et al., 2013).

O fluxo de caixa pode ser considerado como um retrato fiel da situação financeira da entidade, podendo atualizá-lo diariamente, e proporcionar ao gestor uma transparência permanente das entradas e saídas de recursos financeiros da entidade, pois o fluxo de caixa apresenta tanto o passado como o futuro, permitindo a melhor projeção e evolução de suas disponibilidades (SILVA; NEIVA, 2010).

Enfoca-se ainda que o fluxo de caixa reflete e prevê o que ocorrerá com as finanças da empresa em um determinado período, sendo que estas informações auxiliarão o gestor no planejamento e controle das finanças da empresa (OLIVEIRA; PEREZ JR.; SILVA, 2015).

A Demonstração dos Fluxos de caixa deve apresentar os fluxos de caixa do período, classificados por atividades operacionais, de investimento e de financiamento (CPC 03 (R2), 2010).

Braga e Almeida (2008) explicam que os fluxos de caixa oriundos das atividades operacionais, de investimento e de financiamento devem ser apresentados de forma separada.

2.1.2 Atividades operacionais

Os fluxos de caixa das atividades operacionais são as principais atividades geradoras de receitas da entidade e inclui-se também, outras atividades diferentes dos investimentos e financiamento (OLIVEIRA; PEREZ JR.; SILVA, 2015).

Conforme o CPC 03 (R2) (2010), os fluxos operacionais são considerados como indicadores, uma chave da extensão pela qual, as operações da entidade têm gerado fluxos de caixa suficiente para amortizar empréstimos, pagar dividendos e juros sobre capital próprio e fazer novos empréstimos sem recorrer das fontes externas de financiamento e ainda manter a capacidade operacional da entidade.

Na lição de Martins et al. (2013), normalmente os fluxos de caixa de atividades operacionais estão relacionados com as transações que constam na Demonstração de Resultado (DRE).

O CPC 03 (R2) (2010) apresenta os seguintes exemplos de fluxos de caixa que decorrem das atividades operacionais:

- a) Entrada de caixa pela venda de mercadorias ou prestação de serviços;
- b) Entrada de caixa decorrente de *royalties*, honorários, comissões e outras receitas;
- c) Saída de caixa destinado a pagamento de fornecedores e serviços;
- d) Saída de Caixa destinado a pagamentos de empregados ou por conta de empregados;
- e) Entrada ou saída de caixa por seguradora de prêmios e sinistros, anuidade e outros benefícios da apólice;
- f) Entradas ou saídas de caixa referentes a pagamento ou restituição de impostos sobre a renda, exceto quando identificado com as atividades de financiamento ou de investimentos;
- g) Entrada ou Saída de caixa de contratos mantidos para negociação imediata ou destinadas à venda futura.

Os fluxos de caixa derivados das atividades operacionais devem ser apresentados usando o método direto que divulga os pagamentos e recebimentos operacionais de acordo com a sua natureza, ou o método indireto com base no lucro ou prejuízo do período ajustados

pelos itens econômicos e através das variações nas contas patrimoniais operacionais (BRAGA; ALMEIDA, 2008).

2.1.3 Atividades de investimento

Atividades de investimentos são aquelas referentes à aquisição e à venda de ativos em longo prazo e outros investimentos, desde que não incluídos nos equivalentes de caixa (OLIVEIRA; PEREZ JR.; SILVA, 2015).

O fluxo de caixa da atividade de investimento está relacionado com o aumento e diminuição dos ativos em longo prazo (não circulantes), que a empresa utiliza para produzir bens ou serviços (MARTINS et al., 2013).

Oliveira, Perez Jr. e Silva (2015) expõem que a divulgação de forma separada dos fluxos de caixa das atividades de investimento é importante, pois tais fluxos de caixa representam extensões em que os dispêndios de recursos sejam feitos pela entidade, objetivando assim, gerar resultados e fluxos de caixa no futuro em decorrência de planos de expansão.

O CPC 03 (R2) (2010) apresenta os seguintes exemplos como fluxos de caixa advindos das atividades de investimentos:

- a) Saídas de caixa para aquisição de ativo imobilizado, intangíveis e outros ativos em longo prazo;
- b) Entradas de caixa referentes à venda de ativo imobilizado, intangíveis e outros ativos em longo prazo;
- c) Entrada ou Saídas de caixa destinada à aquisição de instrumentos patrimoniais ou instrumentos de dívida e outras entidades e participações societária em *joint ventures* (exceto referentes a títulos considerados como equivalentes de caixa, ou mantidos para negociação imediata ou futura);
- d) Adiantamento ou empréstimos em caixa feito a terceiros (exceto aqueles feitos por instituição financeira);
- e) Entrada de caixa pela liquidação de adiantamentos ou amortização de empréstimos concedidos a terceiros (exceto de instituição financeira);
- f) Entradas ou Saídas de caixa referentes ao pagamento de contratos futuros, a termo, de opção e *swap*, exceto quando mantidos para negociação imediata ou venda futura, ou quando classificados como atividades de financiamento.

As atividades de investimento relacionam – se com o aumento ou redução do ativo de longo prazo que a empresa utiliza para produção de bens e serviços, e o CPC 03 ressalta a importância da evidenciação dessa atividade, pois apresenta os gastos da entidade com a finalidade de gerar resultados futuros (CPC 03 R2, 2010).

2.1.4 Atividades de financiamento

Atividades de financiamentos são aquelas mudanças no capital próprio, sejam no tamanho ou em sua composição, e no endividamento da entidade, não classificadas como atividades operacionais (OLIVEIRA; PEREZ JR.; SILVA, 2015).

A divulgação separada dos fluxos de caixa oriundos das atividades de financiamento é importante por ser útil em prever as exigências dos fluxos de caixa pelos fornecedores de capital à entidade (MARION, 2015).

Os fluxos de caixa das atividades de financiamento estão relacionados com os empréstimos de credores e investidores da entidade (MARTINS et al., 2013).

O CPC 03 (R2) (2010, p. 07) apresenta os seguintes exemplos dos fluxos de caixa oriundos das atividades de financiamento:

- a) Entrada de caixa pela emissão de ações ou outros instrumentos patrimoniais;
- b) Saída de caixa referente aos pagamentos de investidores para adquirir ou resgatar ações da entidade;
- c) Entrada de caixa recebido pela emissão de *debentures*, empréstimos, notas promissórias, outros títulos da dívida, hipotecas e outros empréstimos em curto e longo prazo;
- d) Amortização de empréstimos e financiamentos;
- e) Saída de caixa referente aos pagamentos pelo arrendatário para redução do passivo relativo a arrendamento mercantil financeiro.

A entidade deve apresentar seus fluxos de caixa de forma mais apropriada ao seu negócio. A classificação por atividade possibilita que seus usuários avaliem o impacto de tais atividades sobre a posição financeira da entidade, e a relação entre elas (CPC 03 (R2), 2010).

Baseado na concepção de Silva e Neiva (2010), o fluxo de caixa é considerado como um relatório gerencial, que tem como intuito proporcionar informações de toda movimentação de dinheiro da entidade, a origem de todas as entradas no caixa e todo dinheiro que saiu em um determinado período, sua elaboração auxilia seus gestores nas tomadas de decisões empresariais e financeiras criando uma estratégia financeira do seu caixa.

2.1.5 Conceito de caixa e equivalente de caixa

De acordo com o CPC 03 (R2) (2010), caixa compreende numerário em espécie e depósitos bancários, ou seja, são os disponíveis.

Para fins da Demonstração dos Fluxos de Caixa, o conceito caixa é ampliado a fim de contemplar investimentos caracterizados como equivalentes de caixa. Isso ocorre através da gestão básica de qualquer entidade na aplicação tempestiva de suas sobras de caixa em investimentos de curto prazo (MARTINS et al., 2013).

Ressalta Ribeiro (2010), que o conceito de caixa engloba todas as contas existentes nas contas: Caixa (dinheiro disponível em poder da própria empresa); Bancos, conta, movimento (dinheiro da empresa em poder de estabelecimento bancário, que estejam depositados em conta corrente); e Aplicações Financeiras de Liquidez Imediata (dinheiro da empresa em investimento de altíssima liquidez). Estas três contas compõem as Disponibilidades do Ativo Circulante, que são apresentados no Balanço Patrimonial.

O CPC 03 (R2) (2010), traz a definição de equivalentes de caixa como sendo aplicações financeiras de curto prazo, de alta liquidez e que podem ser prontamente convertidas em um montante conhecido como caixa e que podem sofrer um insignificante risco de mudança de valor.

Desse modo, equivalentes de caixa abrangem todos os investimentos efetuados pela empresa, que são possíveis de serem resgatados em até três meses, que sejam de altíssima liquidez. Podem ser classificados como sobras de caixa que são aplicadas no mercado financeiro, cujas operações sejam de finalidades não especulativas, e com a possibilidade de serem resgatadas imediatamente, no momento em que a empresa desejar (RIBEIRO, 2010).

2.2 DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA

A Lei nº 11.638/07 contempla a Demonstração dos fluxos de caixa (DFC) em substituição à Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos (DOAR), embora considerada pelos especialistas como uma demonstração rica em termos de informações, porém os conceitos nelas contidas, não são facilmente compreendidos pelos usuários das demonstrações financeiras. A DFC por utilizar conceitos mais simples possui uma melhor compreensão dos leitores das demonstrações financeiras (BRAGA; ALMEIDA, 2008).

Conforme apreciação de Azevedo (2008), alguns profissionais questionavam sobre a DOAR, pois apresentava estrutura e conceitos complexos, e dificultava o entendimento de não contabilistas, a DFC adota uma linguagem e conceito mais simples e possui uma melhor compreensão com a maioria dos usuários das demonstrações contábeis.

A Demonstração dos Fluxos de Caixa não era obrigatória no Brasil até a publicação da Lei nº 11.638/07, exceto em alguns casos específicos. Porém o IBRACON Instituto dos Auditores Independentes do Brasil, por meio da NPC 20, de abril de 1999, e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), já recomendavam que a DFC fosse apresentada como informação complementar. A DFC deve ser preparada segundo orientações do CPC 03, o qual foi elaborado através da norma internacional de contabilidade IAS 7 e muito se assemelha a norma norte americana FAS 95 (MARTINS et al., 2013).

O principal objetivo da Demonstração dos fluxos de caixa é de propiciar informações relevantes sobre os recebimentos e pagamentos de uma entidade durante um determinado período, relatando aos seus usuários informações sobre a origem do caixa gerado e forma em que ele foi consumido (SILVA; NEIVA, 2010).

O fluxo de caixa de uma empresa quando analisado é preciso que se saiba distinguir uma simples gestão de uma boa gestão de caixa. Em ambas deve ocorrer o equilíbrio entre entradas e saídas de caixa, porém há inúmeros caminhos para conseguir o equilíbrio, cada um com uma causa e consequência. Mesmo administradores experientes têm dificuldades ao analisarem e avaliarem o fluxo de caixa e cometem erros frequentes, e comprometem a saúde da empresa (MATARAZZO, 2010).

2.3 IMPORTÂNCIA DA DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA

Os fluxos de caixa são úteis para proporcionarem aos usuários das demonstrações contábeis uma forma de avaliar a capacidade de a entidade gerar caixa, equivalente de caixa, e de averiguar a suas necessidades de utilização desses fluxos de caixa. Para as decisões econômicas tomadas pelos seus usuários, é necessária a avaliação da capacidade que a entidade possui para gerar caixa e equivalentes de caixa e o grau de certeza de sua geração (CPC 03 (R2), 2010).

A DFC indica a origem de todo o dinheiro que entrou no caixa em determinado período, e também demonstra o resultado do seu fluxo financeiro permitindo ao administrador, a melhora do planejamento financeiro da empresa, pois assim poderá evitar as

faltas ou excessos de caixa, facilitando a melhor visualização das necessidades de caixa (AZEVEDO, 2008).

As informações geradas pelos fluxos de caixa são frequentemente utilizadas como indicador do montante, que avalia a época de ocorrência e o grau de certeza dos fluxos de caixa futuros. São úteis também, para analisar a exatidão das estimativas passadas dos fluxos de caixa futuros, e examinar a relação entre a lucratividade, fluxos de caixa líquidos e o impacto das mudanças de preço (CPC 03 (R2), 2010).

Azevedo (2008) explica que a DFC contém necessidade de capital de giro, pois trata de uma ferramenta importante para analisar se a empresa possui condições de saldar suas dívidas, receber investimentos, e avaliar sua situação futura de caixa, tudo para que ela não se aproxime da insolvência.

No momento recente, com Martins et al. (2013) esclarecem que as informações demonstradas na DFC, quando analisada em conjunto com as demais demonstrações financeiras da entidade, permitem que investidores, credores e demais usuários avaliem:

- a) A capacidade que a empresa possui para gerar futuros fluxos líquidos;
- b) A capacidade que possui para honrar com seus compromissos, pagar dividendos e retornar empréstimos obtidos;
- c) A liquidez, e a flexibilidade financeira da empresa;
- d) A taxa de conversão do lucro em caixa;
- e) O desempenho operacional de diferentes empresas, por excluir os efeitos de distintos tratamentos contábeis para as mesmas transações e eventos;
- f) O grau de precisão das estimativas passadas de fluxos de caixa futuros;
- g) Os efeitos, sobre a situação financeira da empresa, referentes às transações de investimento e financiamento, etc.

Em conformidade com Oliveira, Perez Jr. e Silva (2015), é relevante planejar corretamente os fluxos de caixa da empresa, pois os administradores precisam saber se terá dinheiro disponível e se seus recursos serão suficientes para cumprir com suas obrigações, e avaliar se a combinação de entradas e saídas de dinheiro resultará em saldo positivo ou negativo. Caso a empresa não saiba planejar adequadamente seus fluxos de caixa, o gestor poderá ser surpreendido por imprevistos e colocar a empresa em grandes dificuldades, podendo levar até mesmo a falência.

Infere Matarazzo (2010), que a DFC é considerada o melhor instrumento de análise financeira. Analisar a gestão de caixa significa analisar os fatores que influenciam a

movimentação de caixa em curto e longo prazo. Sendo assim, o instrumento mais adequado para análise da gestão de caixa é a DFC.

Tudo isso facilita a gestão de receitas e gastos de um determinado período, influenciando a DFC na possível busca de equilíbrio entre ingresso de recursos e as correspondentes saídas (OLIVEIRA; PEREZ JR.; SILVA, 2015).

Para alcançar seus objetivos, qualquer empresa precisa controlar e planejar sua gestão financeira, sendo considerada uma tarefa de grande importância do gestor. É por meio do planejamento que se realiza uma gestão eficaz. Por isso, a DFC é considerada como um importante instrumento de controle gerencial (OLIVEIRA; PEREZ JR.; SILVA, 2015).

2.4 MÉTODOS DE DIVULGAÇÃO

Na estruturação da DFC, ela deverá ser dividida em três fluxos que são: Atividades operacionais, Atividades de Investimento e Atividade de financiamento (MARION, 2015).

Segundo o CPC 03 (R2) (2010), a entidade deverá apresentar os fluxos de caixa oriundos das atividades operacionais, usando alternativamente o método direto ou método indireto.

Ferrari (2014), esclarece que o que irá fazer a diferença entre os métodos é a forma de evidenciação dos fluxos das Atividades operacionais, pois a forma de apresentação das Atividades de Investimento e Financiamento é exatamente a mesma.

2.4.1 Método direto

O método direto explicita as entradas e saídas brutas de dinheiro das atividades operacionais, como recebimentos pela venda de produtos e serviços, e pagamento a fornecedores e empregados. Os saldos finais das operações expressa o volume líquido gerado ou consumido pelas operações do período (MARTINS et al., 2013).

Oliveira, Perez Jr. e Silva (2015) mencionam que embora o método direto seja mais trabalhoso devido à quantidade de informações, é mais simples e elucidativo que o indireto.

Marion (2015) aponta que a Demonstração dos Fluxos de Caixa pelo método direto é considerada como o Fluxo de Caixa no Sentido Restrito, por seguinte, muitos se referem a ela como o “Verdadeiro Fluxo de Caixa”, pois ao contrário do Método Indireto nele se

evidenciam os pagamentos e recebimentos que efetivamente influenciaram para variação das disponibilidades do período.

No método direto são demonstrados os recebimentos e pagamentos derivados das atividades da empresa, os fluxos de caixa gerado ou consumido das operações, demonstram diariamente as mudanças ocorridas no caixa (AZEVEDO, 2008).

O método direto exige maior esforço na sua elaboração, pois deverá ser feito todo um trabalho de segregação das movimentações financeiras, tendo que dispor de um maior controle para este fim. Posto isso, verifica-se que esse modelo possui um poder de informativo pedagógico bastante elevado em relação ao método indireto, o que facilita a compreensão dos usuários externos quanto ao planejamento financeiro da entidade (MARION, 2015).

2.4.2 Método indireto

O método indireto também conhecido como método de conciliação, é o responsável pelo qual os recursos das atividades operacionais são demonstrados a partir do lucro líquido ajustados pelas contas de resultado que não afetam o caixa da entidade, responsável assim, por demonstrar indiretamente o fluxo financeiro, através da comparação das contas dos Ativos, Passivos e Resultados, sendo esse método semelhante a DOAR, exigindo de seus usuários um maior entendimento na área da contabilidade (SILVA; NEIVA, 2010).

O fluxo de caixa pelo método indireto pode ser denominado no sentido mais amplo (MARION, 2015).

Por este método que também é denominado Método da Reconciliação, os recursos derivados das atividades operacionais são apresentados a partir do lucro líquido do exercício, que são ajudados pelas adições das despesas e exclusões das receitas consideradas na apuração do resultado e que não afetam o caixa, ou seja, que não representem saídas ou entradas de caixa da empresa (RIBEIRO, 2010).

O método indireto é considerado como uma sequência utilizada na DOAR, para se obter o capital circulante gerado pelas operações. Por isso, que a grande maioria dos países com a obrigatoriedade da divulgação da DFC prefere utilizar o método indireto, em razão do costume adquirido ao elaborar a DOAR, além de ser considerado um método mais fácil, simples e informatizado (MARTINS et al., 2013).

Pelo método indireto, os recursos derivados das operações são apresentados a partir do lucro líquido do exercício ajustado, já pelo método direto os recursos são derivados das operações que são apresentados a partir dos recebimentos e pagamentos decorrentes de operações normais, daquele período (RIBEIRO, 2010).

2.4.3 Vantagens e desvantagens dos métodos de divulgação

Nos apontamentos de Silva e Neiva (2010), a escolha dos métodos de divulgação da Demonstração dos Fluxos de Caixa, apresentam algumas vantagens e desvantagens, conforme descrito no quadro abaixo:

QUADRO 1 - Vantagens e desvantagens dos métodos

Métodos	Vantagens	Desvantagens
Direto	A vantagem do método direto é a facilidade para os usuários avaliar a solvência da entidade, pois evidencia todas as origens de recursos e suas aplicações financeiras e de criar condições favoráveis para classificação de recebimentos e pagamentos, caso esteja de acordo com critérios técnicos e não fiscais.	Como desvantagem do método direto, podemos citar: o custo adicional para classificação dos recebimentos e pagamentos, e a falta de conhecimento dos profissionais das áreas contábeis e financeiras para classificar os recebimentos e pagamentos.
Indireto	As vantagens apresentadas pelo método indireto é o de apresentar o baixo custo, ao utilizar dois balanços, ou seja, o inicial e o final do período, a demonstração de resultados e executar a conciliação do lucro contábil com o fluxo de caixa operacional mostrando como se compõe a diferença.	Na utilização do método indireto, nota-se como desvantagem o tempo necessário para gerar as informações pelo regime de competência para depois convertê-la em regime de caixa e quando feita uma vez por ano, poderá o gestor obter surpresas desagradáveis.

Fonte: Silva e Neiva (2010), adaptado pela autora, 2016.

2.5 ESTRUTURA DA DEMONSTRAÇÃO DOS FLUXOS DE CAIXA

Na elaboração dos fluxos de caixa das atividades operacionais, pode ser usado o método direto ou o indireto. O FASB e o IASB recomendam a divulgação pelo método direto, mas a forma de divulgação é facultada (MARTINS et al., 2013).

Para elaboração da DFC, seja pelo método direto ou pelo indireto, os dados deverão ser coletados dos Balanços do exercício atual e anterior e da DRE do exercício atual além de consultas em fichas Razão de algumas contas lá contidas (RIBEIRO, 2010).

Ressaltam Martins et al. (2013), que o modelo de DFC adotado deverá conter os seguintes requisitos:

- a) Evidenciar as transações de caixa segregadas por atividades operacionais, atividades de investimento e atividade de financiamento, nessa ordem;
- b) Evidenciar separadamente, em notas explicativas, as transações de investimento e financiamento que afetaram a posição patrimonial da empresa, mas não impactou de forma direta os fluxos de caixa do período;
- c) Conciliar o resultado líquido do período com o caixa líquido gerado ou consumido nas atividades operacionais.

Braga e Almeida (2008) discorrem que sobre a divulgação da DFC: é necessário divulgar transações relevantes de atividades de investimento e de financiamento, que não afetaram o fluxo de caixa do período. E reconciliar lucro líquido e fluxo de caixa líquido das atividades operacionais.

O FASB e o Pronunciamento Técnico CPC 03 - Demonstração dos Fluxos de Caixa, incentivam as entidades a adicionarem outras informações que considerem úteis para evidenciação dos fluxos das atividades operacionais (MARTINS et al., 2013).

2.5.1 Estrutura DFC - Método direto

Para elaboração da DFC deverá ser evidenciado os três fluxos existentes, que são operacionais, de investimento e de financiamento. Na evidenciação dos referidos fluxos, o que irá fazer diferença entre o método direto e o indireto é a forma de apresentar os fluxos oriundos das atividades operacionais. No método direto, a divulgação dos fluxos de caixa operacionais na exposição direta das entradas e saídas de caixa (FERRARI, 2014).

A NBC TG 03 R2 (2010) apresenta o seguinte exemplo da estrutura da DFC, pelo método direto:

QUADRO 2 - Demonstração dos Fluxos de Caixa pelo Método Direto

Fluxos de Caixa das atividades operacionais
Recebimentos de Clientes;
Pagamentos a fornecedores e empregados;
Caixa gerado pelas operações;
Juros pagos;
Imposto de renda e contribuição social pagos;
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos;
<i>Caixa líquido gerado pelas atividades operacionais.</i>
Fluxos de caixa das atividades de investimento
Aquisição da controlada X, líquido do caixa obtido na aquisição (Nota A);
Compra de ativo imobilizado (Nota B);
Recebimento pela venda de equipamento;
Juros recebidos;
Dividendos recebidos;
<i>Caixa líquido consumido pelas atividades de investimento.</i>
Fluxos de caixa das atividades de financiamento
Recebimento pela emissão de ações;
Recebimento por empréstimo em longo prazo;
Pagamento de passivo por arrendamento;
Dividendos pagos ^(a) ;
<i>Caixa líquido consumido pelas atividades de financiamento.</i>
Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa
Caixa e equivalentes de caixa no início do período (Nota C)
Caixa e equivalentes de caixa no fim do período (Nota C)

Fonte: NBC TG 03 R2 (2010), adaptado pela autora (2016).

2.5.2 Estrutura DFC - Método indireto

A evidenciação dos fluxos das atividades operacionais pelo método indireto inicia-se a partir do Resultado Líquido do exercício (Lucro ou Prejuízo do período) (FERRARI, 2014).

A elaboração dos fluxos de caixa das atividades operacionais pelo método indireto consiste basicamente em converter o Lucro ou Prejuízo apurado na demonstração de resultado (DRE), o qual apurado pelo regime de competência naquele que seria se apurado pelo regime de caixa (FERRARI, 2014).

A NBC TG 03 R2 (2010) apresenta o seguinte exemplo de modelo de estruturação da DFC pelo método Indireto.

QUADRO 3 - Demonstração dos Fluxos de Caixa pelo Método Indireto

Fluxos de caixa das atividades operacionais
Lucro líquido antes do IR e CSLL;
Ajustes por;
Depreciação;
Perda cambial;
Resultado de equivalência patrimonial;
Despesas de juros;
Aumento nas contas a receber de clientes e outros;
Diminuição nos estoques;
Diminuição nas contas a pagar – fornecedores;
Caixa gerado pelas operações;
Juros pagos;
Imposto de renda e contribuição social pagos;
Imposto de renda na fonte sobre dividendos recebidos;
<i>Caixa líquido gerado pelas atividades operacionais.</i>
Fluxos de caixa das atividades de investimento
Aquisição da controlada X, líquido do caixa obtido na aquisição (Nota A);
Compra de ativo imobilizado (Nota B);
Recebimento pela venda de equipamento;
Juros recebidos;
Dividendos recebidos;
<i>Caixa líquido consumido pelas atividades de investimento.</i>
Fluxos de caixa das atividades de financiamento
Recebimento pela emissão de ações;
Recebimento por empréstimos em longo prazo;
Pagamento de passivo por arrendamento;
Dividendos pagos ^(a) ;
<i>Caixa líquido consumido pelas atividades de financiamento;</i>
Aumento líquido de caixa e equivalentes de caixa.
Caixa e equivalentes de caixa no início do período (Nota C)
Caixa e equivalentes de caixa no fim do período (Nota C)

Fonte: NBC TG 03 R2 (2010), adaptado pela autora (2016).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia é compreendida como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os métodos desenvolvidos na pesquisa. A metodologia examina, descreve e avalia os métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam coleta e o processamento das informações levantadas, e que visa à resolução de problemas ou questões de investigação (FREITAS; PRODANOV, 2013).

3.1 QUANTO AOS OBJETIVOS

Sampieri, Collado e Lúcio (2013) expõem que há quatro tipos de pesquisas que podem ser definidas com exploratória, descritiva, correlacional ou explicativa.

Esta pesquisa classificou-se como descritiva, pois através da observação e análise de um grupo de demonstração contábil, procurou responder às informações as fontes de recursos das empresas de construção e engenharia listada na BM&FBOVESPA.

Sampieri, Collado e Lúcio (2013), relata que os estudos descritivos procura especificar propriedades, características e traços importantes de qualquer fenômeno analisado, ou seja, busca descrever tendências de um grupo ou população.

3.2 QUANTO AOS PROCEDIMENTOS

Em concordância com Silva (2010), através do sistema adotado na pesquisa, leva-se em consideração o ambiente da pesquisa, a abordagem teórica, técnica e análise de dados, podendo definir os procedimentos adotados.

Quanto aos procedimentos classifica-se esta pesquisa como Bibliográfica e Documental, pois seus materiais de estudos forma limitados às Demonstrações dos Fluxos de Caixa das empresas de construção e engenharia listadas na BM&FBOVESPA.

Na direção externada por Silva (2010), a pesquisa bibliográfica explica e discute temas ou problemas já referenciados, através de publicações em livros, revistas, periódicos, artigos científicos etc. A pesquisa bibliográfica pode fornecer dados para qualquer outro tipo de pesquisa, o material utilizado pode ser de fonte primária ou secundária.

A pesquisa documental é semelhante à bibliográfica, mas se difere por utilizar material que ainda não recebeu tratamento analítico, suas fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Nesta pesquisa, os documentos precisam passar por uma análise tanto interna como externa. O objetivo da análise dos documentos está na procura de desenvolver um grau de imparcialidade evitando preferências pessoais (SILVA, 2010).

3.3 QUANTO À ABORDAGEM DA PESQUISA

Heerdt e Leonel (2007), dizem que o método de abordagem pode ser definido em quatro níveis: dedutivo, indutivo, hipotético – dedutivo e o dialético.

A pesquisa foi desenvolvida pelo método dedutivo, pelo princípio de ter como base a utilização de documentos já publicados, fontes de outros autores, leis e informações que aborda a Demonstração dos Fluxos de Caixa.

Destaca-se o entendimento de Silva (2010) ao expor que o método dedutivo tem como objetivo a transformação de enunciados universais em particulares. Inicia-se com a premissa antecedente, que possui valor universal, e conclui-se com o que é consequente, que é a premissa particular.

3.4 QUANTO ÀS TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

A técnica de coleta de dados desta pesquisa classificam-se como indireta, por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental, pois segundo Heerdt e Leonel (2007), é a compreensão da realidade feita através de um conhecimento já produzido por outro.

3.5 PERÍODO A SER PESQUISADO

Serão analisadas as Demonstrações dos Fluxos de Caixa das empresas do setor de construção e engenharia listadas na BM&FBOVESPA, entre os anos de 2011 a 2015.

3.6 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população compreende as 11 empresas listadas na BM&FBOVESPA no dia 21/09/2016 do setor de construção e Engenharia, e como base de estudo foi utilizado toda população não necessitando de introduzir amostragem. O quadro abaixo apresenta as empresas a serem utilizadas para este estudo:

QUADRO 4 - Empresas do setor de construção e engenharia listas na BM&FBOVESPA

Nº	EMPRESAS	ABREVIACÕES
1.	AZEVEDO E TRAVASSOS S.A.	AZEVEDO
2.	CONSTRUTORA LIX DA CUNHA S.A.	LIX DA CUNHA
3.	CONSTRUTORA SULTEPA S.A.	SULTEPA
4.	MENDES JUNIOR ENGENHARIA S.A.	MENDES JUNIOR
5.	SONDOTECNICA ENGENHARIA SOLOS S.A.	SONDOTECNICA
6.	TECNOSOLO ENGENHARIA S.A.	TECNOSOLO
7.	CERAMICA CHIARELLI S.A.	CHIARELLI
8.	ETERNIT S.A.	ETERNIT
9.	HAGA S.A INDÚSTRIA E COMERCIO	HAGA S/A
10.	PBG S/A	PORTOBELLO
11.	MILLS ESTRUTURAS E SERVICOS DE ENGENHARIA S.A.	MILLS

Fonte: BM&FBOVESPA (2016), adaptado pela autora (2016).

3.7 QUANTO À COLETA DE DADOS

Como inferem Sampieri, Collado e Lucio (2013), a pesquisa pode ser classificada como quantitativa, qualitativa ou mista (Combinação entre quantitativo e qualitativo).

Quanto à coleta de dados, classifica-se como quantitativo. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2013), a pesquisa quantitativa utiliza a coleta de dados para testar hipóteses, baseando-se na medição numérica e através da análise estatística para estabelecer padrões e comprovar teorias.

O Método quantitativo é utilizado quando o pesquisador deseja melhor compreensão e entendimento do comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam sobre determinado fenômeno (RICHARDSON, 2007).

3.8 ANÁLISE DE DADOS

Os dados levantados foram classificados e organizados em planilhas do *Excel* para apresentação de forma detalhada dos resultados através de quadros, tabelas e gráficos. Os resultados obtidos apresentaram qual atividade (operacional, investimento e financiamento) mais contribuiu para a formação do caixa líquido das empresas do setor de construção e engenharia listadas na BM&FBOVESPA.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo aborda a forma de coleta de dados das Demonstrações dos Fluxos de Caixa bem como onde foram publicadas. Em seguida, é realizada a análise da formação do fluxo de caixa líquido de cada empresa, ou seja, como cada atividade: operacional, de investimentos e financiamentos impactou na variação final de caixa. Por fim, ocorre a análise da evolução dessas atividades no período compreendido de 2011 a 2015.

4.1 COLETA DE DADOS

Inicialmente foi realizada uma pesquisa na página eletrônica da BM&FBOVESPA que visa o levantamento das demonstrações das empresas do setor de construção e engenharia que publicavam a Demonstração dos Fluxos de Caixa no período compreendido entre 2011 e 2015, na qual foram apurados e apresentados os percentuais de contribuição das atividades, de cada uma das empresas analisadas.

4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS POR EMPRESA

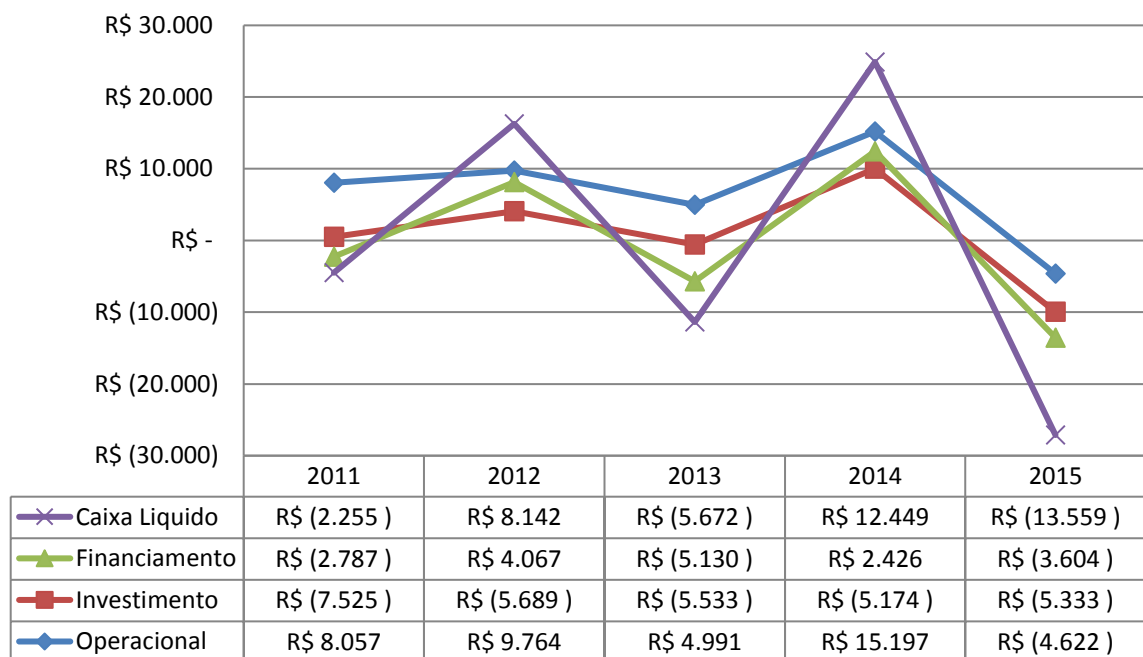
Este tópico é constituído pela análise das Demonstrações dos Fluxos de Caixa de cada empresa da amostra final, de forma individual, no período compreendido de 2011 a 2015 das empresas do setor de construção e engenharia listada na BM&FBOVESPA.

Após o levantamento dos dados, será possível verificar qual foi a contribuição de cada atividade à formação do caixa líquido ao final de cada período. Como visto anteriormente, cada uma das três atividades apresenta um caixa líquido no final do período. Desta forma, o somatório do caixa líquido das atividades operacionais, de investimento e de financiamento, formará o caixa líquido do período ou a variação de caixa e equivalentes, conforme destacado na DFC. Assim, será possível verificar como cada atividade afetou a formação do caixa líquido.

4.2.1 Azevedo e Travassos S.A. (Azevedo)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Azevedo e Travassos S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 1 - Formação do Caixa Líquido - Azevedo e Travassos S.A. (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Observando o Gráfico 1, é possível identificar que a empresa Azevedo e Travassos S.A. apresenta números de caixa líquido negativos e positivos alternadamente, sendo que iniciou e encerrou o período dessa amostra com valores negativos.

Mesmo apresentando caixa líquido negativo, a empresa Azevedo e Travassos S.A. apresentou caixa operacional positivo de 2011 a 2014, no ano de 2015 houve um consumo maior de recursos operacionais, maiores do que a empresa produziu.

Nas operações de investimentos, a empresa apresentou valores negativos em todos os anos apurados, demonstrando assim que a empresa obteve um consumo maior do que sua geração de recurso em relação à atividade analisada.

Quanto ao cenário de financiamento, a empresa apresentou resultados alternados, os que constarão com seu desempenho nos investimentos. Entretanto, esse cenário evidencia

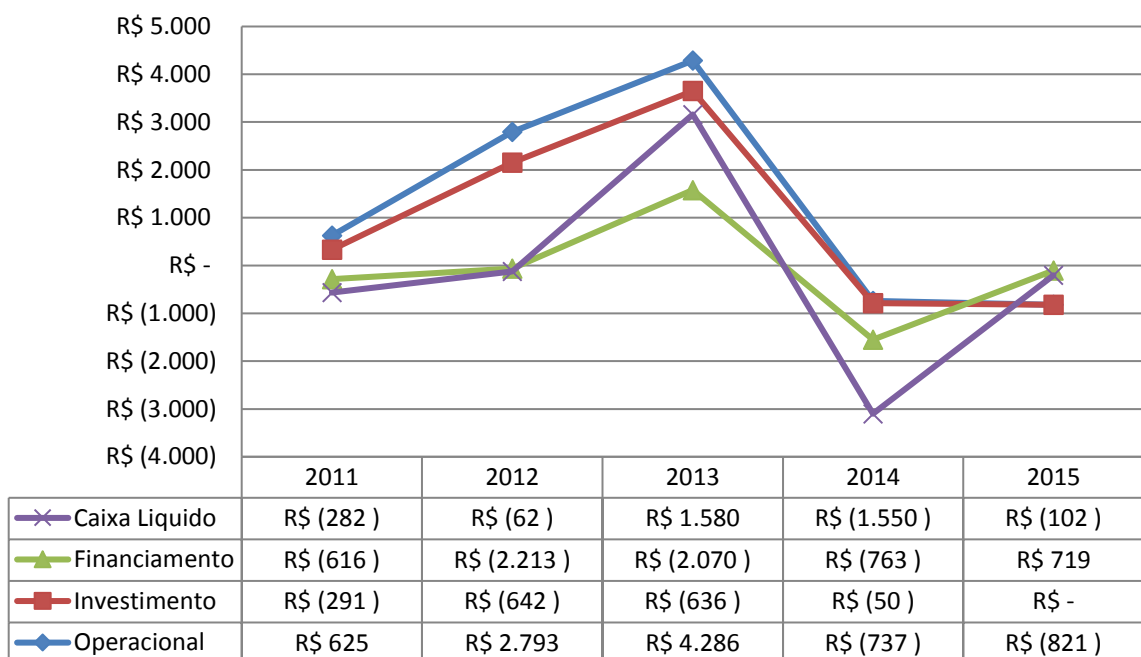
uma variação positiva de caixa de financiamento nos anos de 2012 e 2014 menores que a variação negativa de caixa de financiamento nos demais anos estudados.

Essa empresa teve também um dado relevante, o caixa líquido dos anos de 2011 e 2013, teve variação negativa, entretanto a empresa foi capaz de gerar recursos operacionais, o que pode significar descontrole em suas operações de investimentos e financiamentos.

4.2.2 Construtora Lix da Cunha S.A. (Lix da Cunha)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Construtora Lix da Cunha S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 2 - Formação do Caixa Líquido - Lix da Cunha S.A. (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Com base nas informações no Gráfico 2, a Construtora Lix da Cunha S/A teve variação negativa de caixa líquido em 4 dos 5 anos abrangidos por essa pesquisa, evidenciando um consumo maior de recursos que as empresas têm capacidade de gerir.

É possível verificar também que as atividades operacionais desta empresa apresentaram variação positiva de caixa no período de 2011 a 2013 com valores crescentes,

entretanto nos dois anos posteriores foram apresentados resultados negativos e que mostraram certa evolução negativa.

Quanto às movimentações de investimentos, a empresa demonstrou números negativos de 2011 a 2014, quanto ao ano de 2015 não houve variação.

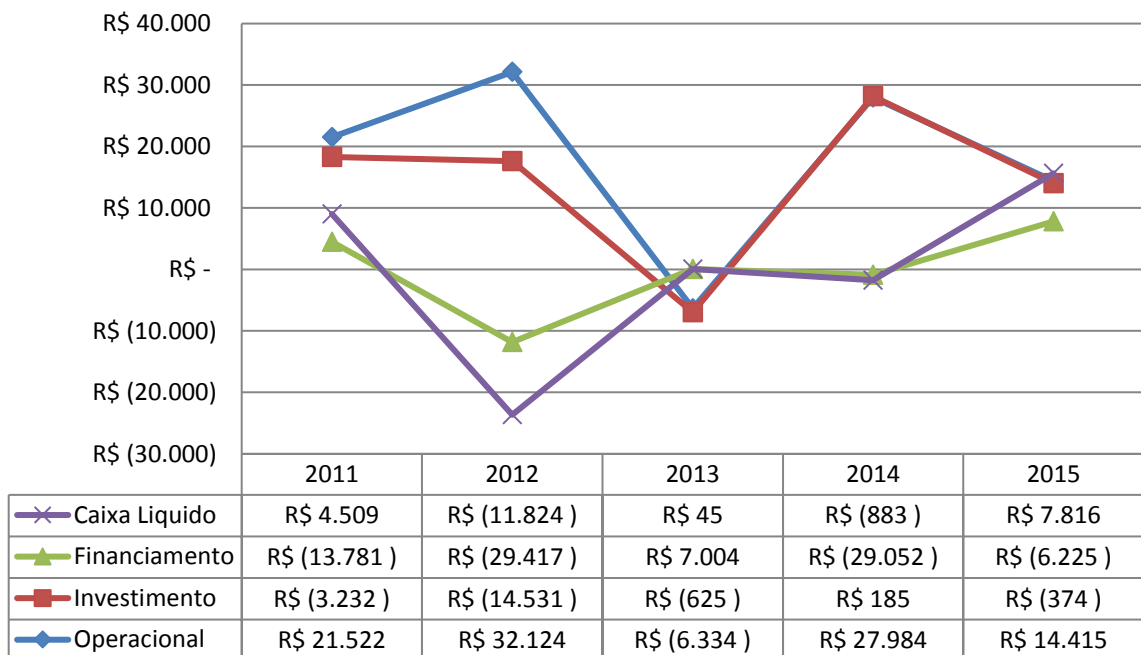
As operações de financiamento apresentaram números positivos no último ano dessa amostra, entretanto os 4 anos anteriores foram negativos.

Um dado relevante dessa amostra é o fato da empresa estar terminando positivamente sua variação de caixa operacional e ainda assim relatar um valor negativo de caixa líquido. Isso demonstra um descontrole nas operações de investimento e financiamento, que estão consumindo também os recursos operacionais da empresa.

4.2.3 Construtora Sultepa S.A. (Sultepa)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Construtora Sultepa S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 3 - Formação do Caixa Líquido - Construtora Sultepa S.A. (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Como se pode observar no Gráfico 3, a Construtora Sultepa S/A teve em quase todos os anos mais geração de caixa do que consumo, com exceção do ano de 2012 e 2014, demonstrando assim uma variação positiva do caixa líquido em 3 anos.

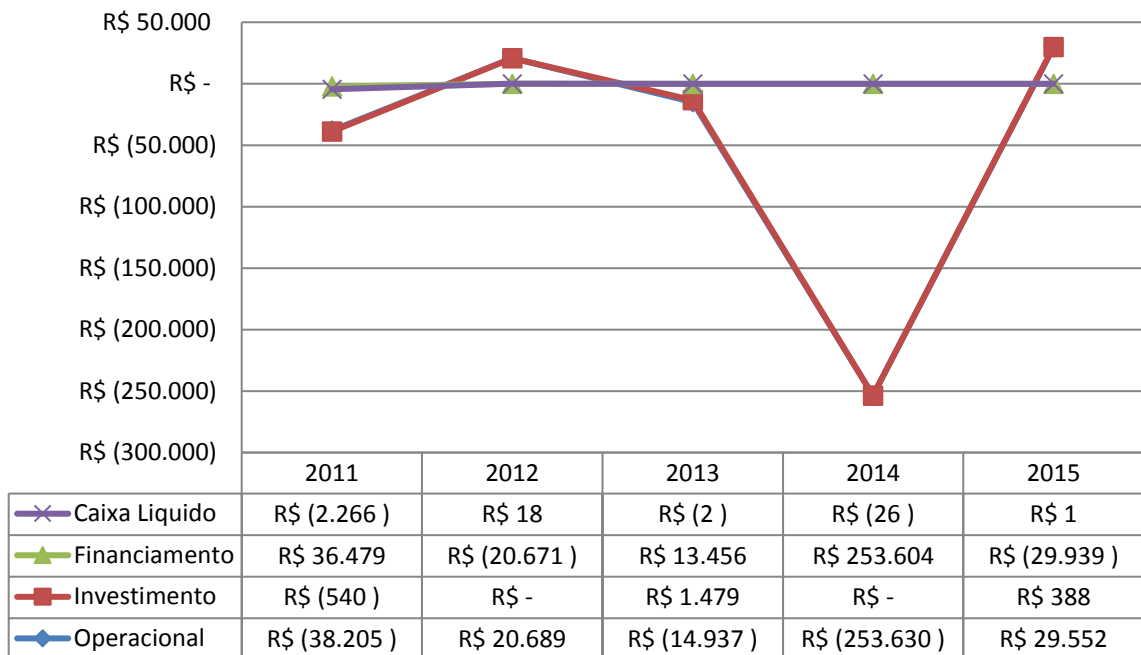
Ainda no mesmo gráfico, nota-se que a empresa possui mais exercícios com produção de recursos operacionais capazes de suprir seus gastos operacionais, somente o ano de 2013 não apresentou esse cenário.

No que tange aos investimentos, a empresa apresenta números negativos, com um consumo maior do que foi gerado. A exceção dessas análises ficou no exercício de 2014, que apresentou números positivos em R\$ 185.

Quanto às suas operações de financiamento, nesse período foram identificados 04 (quatro) exercícios com consumo de recursos desse gênero maior que sua geração de caixa. No período, foram consumidos R\$ 71.471 a mais do que foi gerado. Apenas o ano de 2013 apresentou números positivos.

4.2.4 Mendes Junior Engenharia S.A. (Mendes Junior)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Mendes Junior Engenharia S.A, durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 4 - Formação do Caixa Líquido - Mendes Junior Engenharia S.A. (2011 a 2015)

Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

A empresa Mendes Junior Engenharia S.A., conforme gráfico acima, apresentou um caixa líquido expressivamente negativo no primeiro ano dessa amostra. Ademais, as variações foram inexpressivas, alternando entre positiva e negativa no decorrer dos anos.

Em transações operacionais, a empresa teve variação negativa nos anos de 2011, 2013 e 2014. É importante relatar que os valores negativos dessas variações foram expressivamente maiores que os valores positivos.

As operações de investimentos demonstram valores negativos somente no primeiro ano de estudo dessa amostra. Nos demais anos a empresa alternou entre as variações positivas e neutras entre seus exercícios.

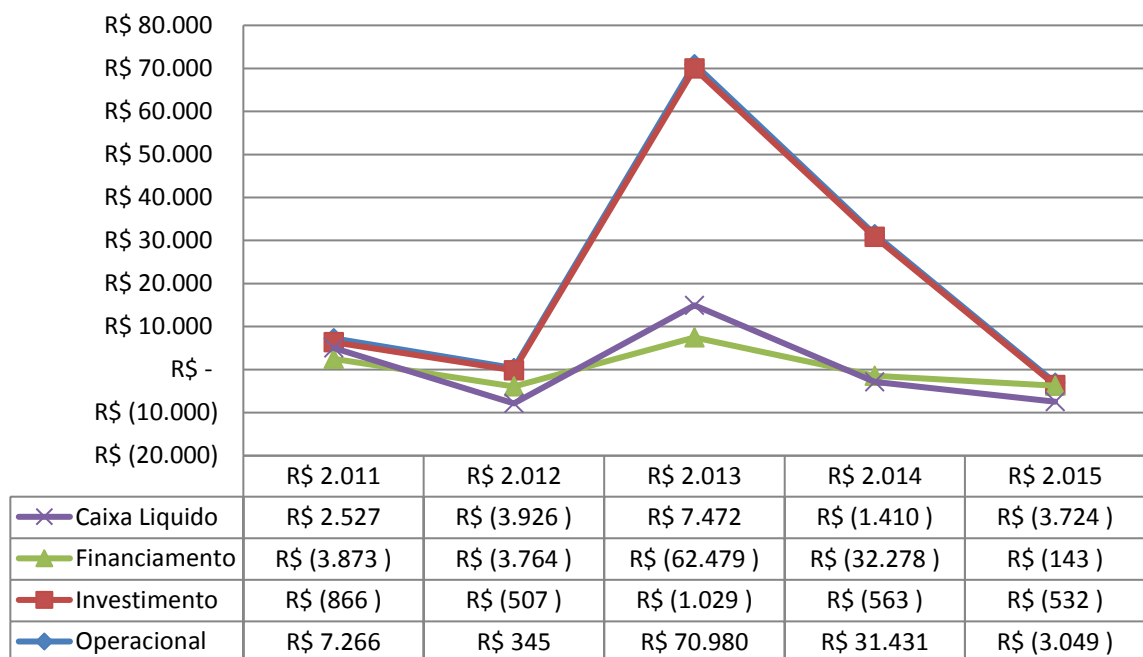
Quanto ao seu fluxo de caixa de financiamento, a empresa apresentou 03 (três) anos com fluxo positivo, entretanto, encerrou o período estudado com variação negativa do caixa.

Vale citar que a empresa, mesmo nos anos em que gerou mais recursos operacionais do que consumiu, apresentou caixa líquido negativo ou com valor baixo em relação à geração de recursos. Também é perceptível que a empresa gere mais recursos de financiamento do que de suas operações.

4.2.5 Sondotecnica Engenharia Solos S.A. (Sondotecnica)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Sondotecnica Engenharia Solos S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 5 - Formação do Caixa Líquido - Sondotecnica Engenharia Solos S.A. (de 2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Com base no gráfico 5, pode-se perceber que a empresa Sondotecnica Engenharia Solos S.A. teve em 02 (dois) anos da amostra, variações positivas de caixa líquido, entretanto, apresentou variação negativa nos 2 últimos anos desta pesquisa.

No que se refere às transações operacionais, a empresa apresentou variação negativa apenas no último ano dessa análise, apresentando valores positivos em todos os demais.

Nas atividades de investimentos e financiamentos, a empresa Sondotecnica Engenharia de Solos S.A, apresentou valores negativos em todos os exercícios abrangidos por essa pesquisa.

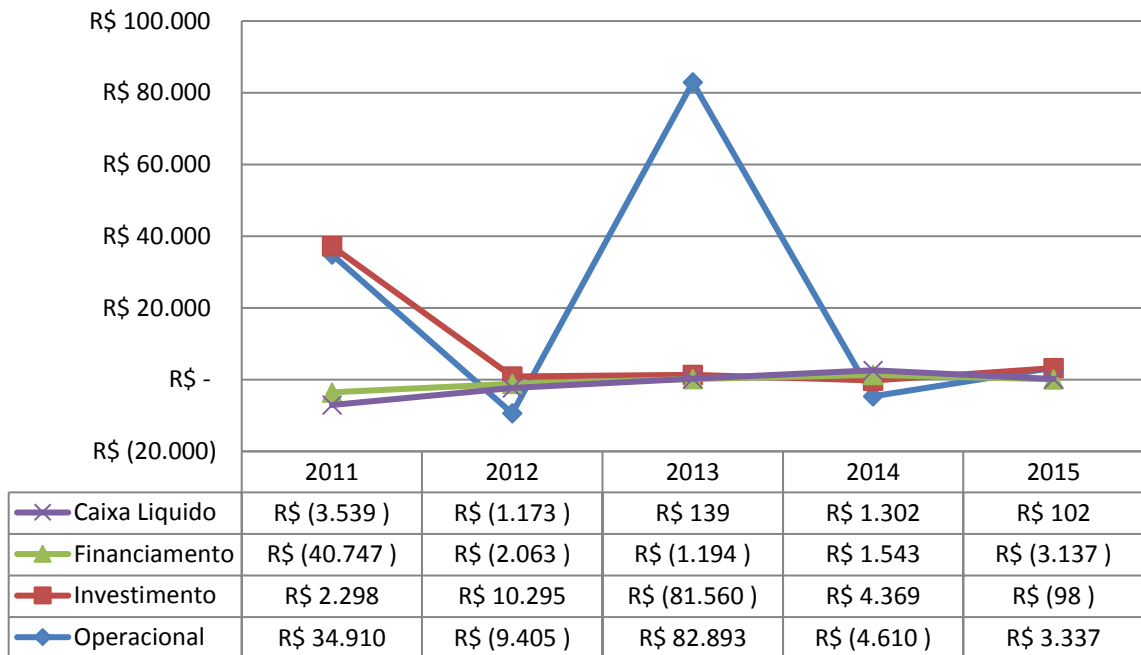
Um fato a ser observado é a variação operacional de um ano para outro. A empresa apresenta grandes saltos de valores quando analisados os períodos de 2012 para 2013 e 2013 para 2014, além de uma inversão de variação de 2014 para 2015, onde iniciou positivo e terminou negativo. Outro fator interessante desta empresa está no ano de 2014, onde suas

operações com financiamentos consumiram todo o caixa gerado pelas atividades operacionais da empresa (segundo maior caixa operacional gerado no período), fazendo com que a empresa apresentasse um caixa líquido negativo nesse ano.

4.2.6 Tecnosolo Engenharia S.A. (Tecnosolo)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Tecnosolo Engenharia S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 6 - Formação do Caixa Líquido - Tecnosolo Engenharia S.A. (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

A empresa Tecnosolo Engenharia S.A. apresentou caixa líquido negativo nos dois primeiros anos dessa amostra, conforme observável no Gráfico 6, entretanto, os últimos 03 (três) anos analisados mostrando variação positiva no caixa.

Nos valores que fazem respeito a suas operações, ela teve alternância entre variação positiva e negativa entre os anos, tendo seu pico maior em 2013 e seu menor valor em 2012.

Quanto aos seus investimentos, a empresa apresentou mais exercícios com variação positiva do que negativa, portanto, no ano de 2013 teve variação negativa de R\$ 81.560, o que consumiu quase todo o caixa gerado por suas operações.

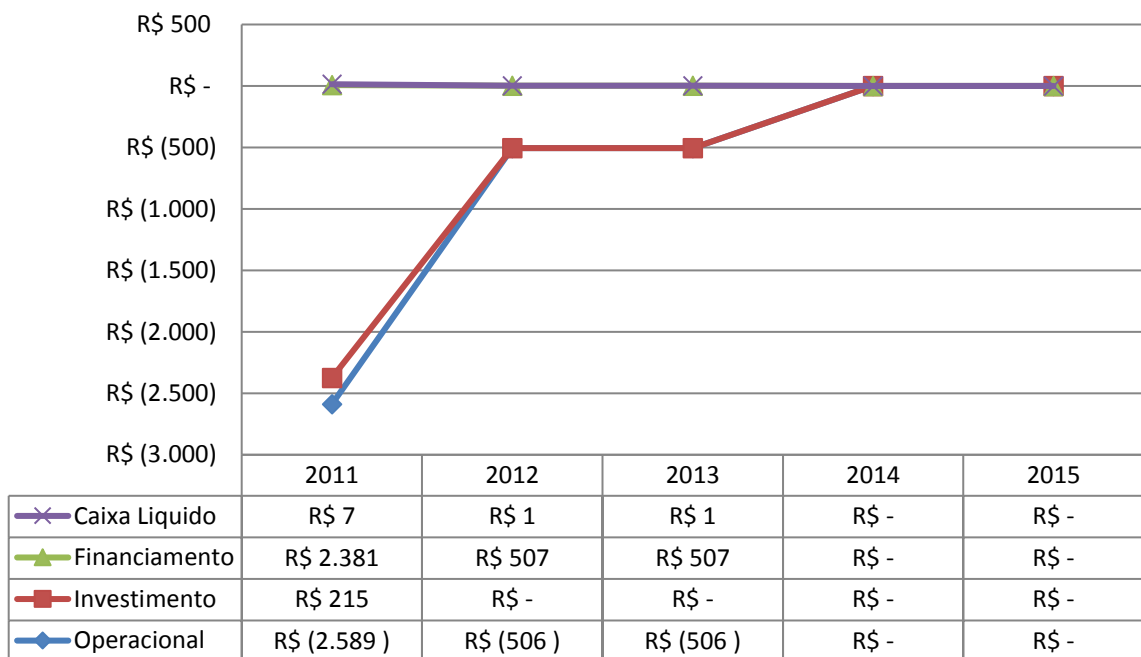
Nas atividades de financiamento, a empresa demonstrou valores negativos em quase todos os anos estudados, com exceção do ano de 2014.

Comparando esses valores, é possível verificar que a empresa consome muitos de seus recursos operacionais, a fim de suprir as necessidades das atividades de financiamento e/ou investimento, que resulta em caixa líquido baixo ou negativo.

4.2.7 Cerâmica Chiarelli S.A. (Chiarelli)

Este gráfico buscou apresentar a evolução das atividades da empresa Cerâmica Chiarelli S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 7 - Formação do Caixa Líquido - Cerâmica Chiarelli S.A. (2011 a 2015)



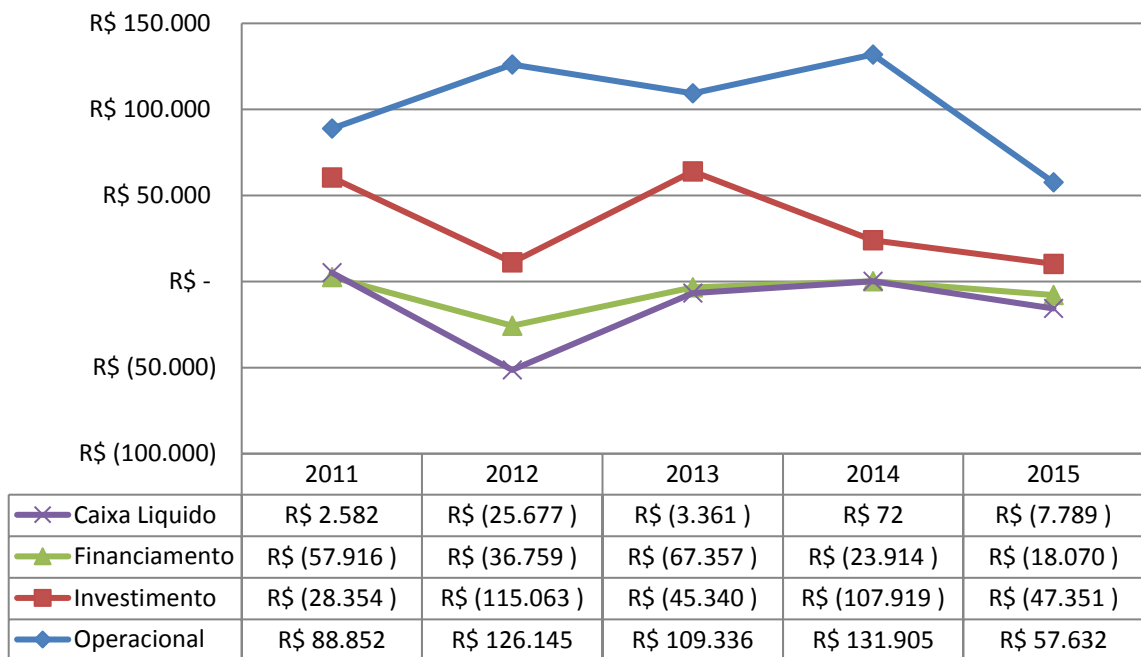
Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Com base no gráfico 7, verifica-se que a empresa Cerâmica Chiarelli não realizou nenhuma movimentação de caixa nos anos de 2014 e 2015, adicionalmente, verifica-se que nos 3 primeiros anos dessa amostra, a mesma estava em processo de paralisar suas atividades, visto que sua geração de caixa líquido era exclusiva das atividades de financiamento.

4.2.8 Eternit S.A. (Eternit)

Este gráfico buscou apresentar a evolução das atividades da empresa Eternit S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 8 - Formação do Caixa Líquido - Eternit S.A. (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

O Gráfico 8, quando analisado, observa-se que a empresa Eternit S.A. possui em 03 (três) anos dessa análise caixa líquido negativo e, nos anos que apresentou variação positiva, forma valores menores que os apresentados negativamente nos outros exercícios.

A empresa 8 apresenta nos 05 (cinco) anos analisados variação positiva nas suas atividades operacionais, com picos de R\$ 131.905, e R\$ 57.632, no entanto, nota-se que mesmo apresentando variação positiva houve uma queda de 228,87% de seu valor.

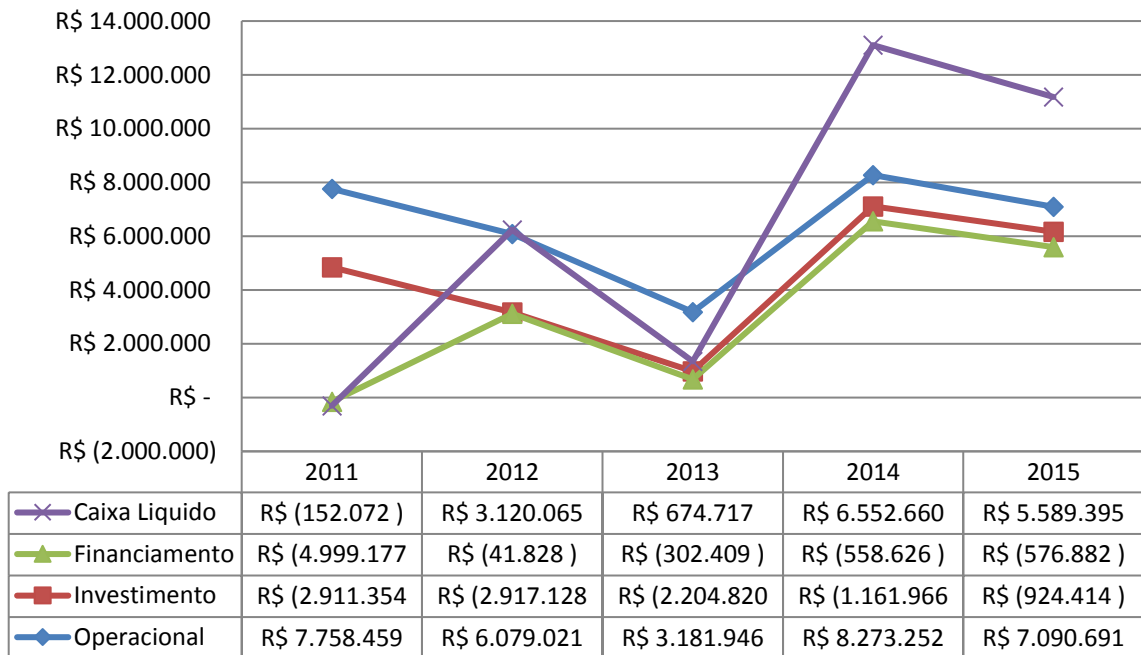
Nas atividades de investimentos e financiamentos, a empresa obteve variações negativas em todos os anos analisados, tendo picos de R\$ 28.354 e R\$ 115.063 nas atividades de investimentos que representou um aumento no consumo de 405,80% e R\$ 67.357 e R\$ 18.070 nas atividades de financiamento que mostra a redução de seu consumo em 372,75% comparado os anos de 2013 com 2015.

Cabe ressaltar que a empresa apresentou ótimos números nas suas atividades operacionais, no entanto, os valores empregados nas demais atividades resultam nos caixas líquidos de períodos baixos ou negativos.

4.2.9 Haga S.A. Indústria e Comércio (Haga S/A)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Haga S.A. Indústria e Comércio, durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 9 - Formação do Caixa Líquido - Haga S.A. Indústria e Comércio (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Quando observado no gráfico acima, verificou-se que a empresa teve caixa líquido negativo no primeiro ano de análise, após isso teve números positivos nos demais anos, apenas tendo uma baixa razoável no ano de 2013.

No que se refere a suas operações, a empresa obteve variação positiva em todos os anos com picos de R\$ 3.181.946 e R\$ 8.273.252. Comparando o ano de 2013 com 2014, verifica-se que a empresa manteve a faixa de valores gerados com aumento da geração de caixa em 260%.

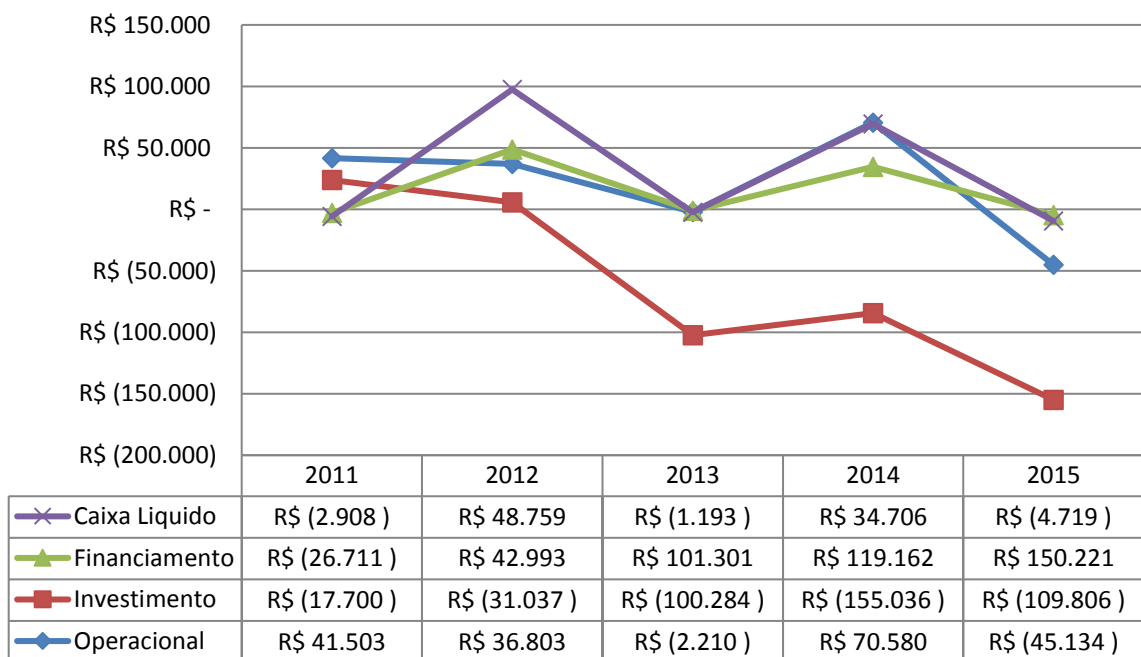
Quanto aos investimentos e financiamentos, a empresa teve mais consumo do que geração de caixa, com picos de R\$ 2.917.128 e R\$ 924.414 para os investimentos como redução de consumo em 315,56% e R\$ 4.999.177 e R\$ 41.828 com redução de consumo em 11.951,74% para financiamentos quando analisado o ano de 2011 e 2012.

O alto valor empregado nas atividades de investimentos e financiamentos justifica o caixa líquido no primeiro ano dessa análise. Já no ano de 2013, adiciona-se o baixo valor gerado na atividade operacional para justificar o baixo valor líquido desse período.

4.2.10 PBG S.A. (Portobello)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa PBG S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 10 - Formação do Caixa Líquido - PBG S.A. (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Como bem observável no gráfico 10, nota-se que a empresa PBG S/A apresentou alternativamente variações negativas e positivas dentro dos anos, com picos de –R\$4.719 e 48.759.

Com relação às suas atividades operacionais, a empresa teve mais exercícios com variação positiva sendo 2011, 2012 e 2014, sendo que o ano de 2013 e 2015 apresentaram uma variação negativa.

A atividade de investimento dessa empresa demonstrou variações negativas em todos os anos, com picos de R\$ 17.700 e R\$ 155.036 que demonstra o crescimento de consumo em 875,91% quando analisados os anos de 2011 e 2014.

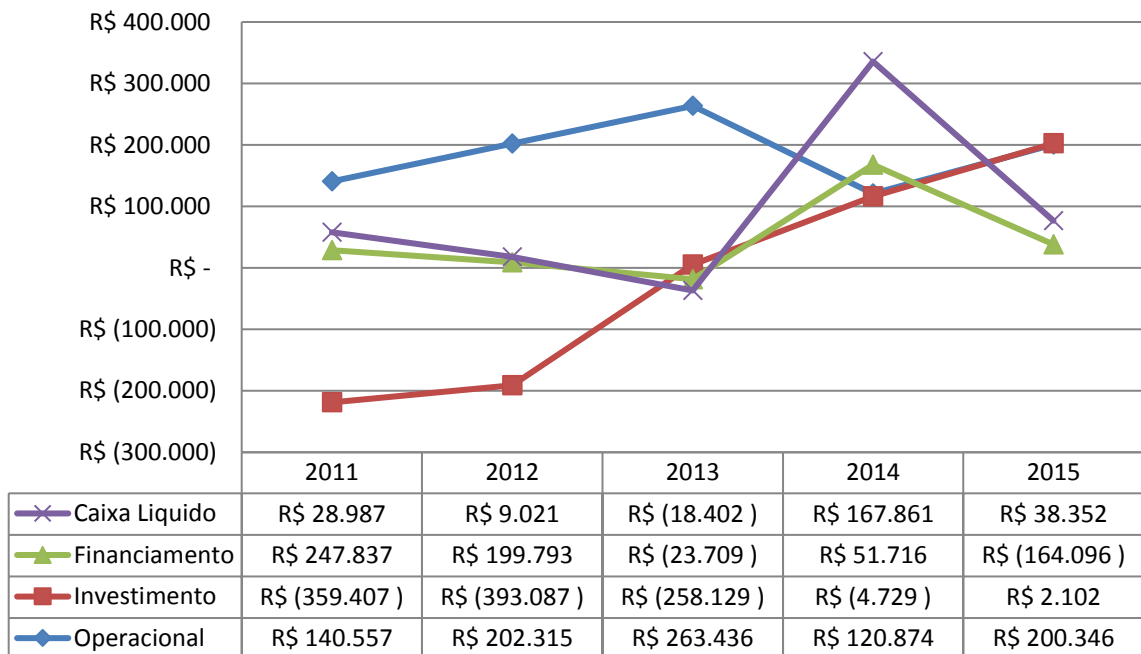
A atividade de financiamento da empresa 10 mostrou-se positiva no período analisado, com exceção do primeiro ano. As entradas de recursos provenientes de financiamentos superam o consumo do mesmo em até R\$ 150.221.

Quando se compara os valores entre si, é possível verificar que os recursos obtidos pelas suas operações e financiamentos são consumidos em boa parte por suas atividades de investimentos. Ademais, no ano de 2013, os recursos de financiamento foram todos consumidos tanto por suas operações quanto por seus investimentos.

4.2.11 Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A. (Mills)

Este gráfico busca apresentar a evolução das atividades da empresa Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A., durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA.

GRÁFICO 11 - Formação do Caixa Líquido - Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A. (2011 a 2015)



Fonte: BM&FBOVESPA, adaptado pela autora (2016).

Com base no apresentado acima (Gráfico11), é possível verificar que a empresa Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A. iniciou e encerrou o período com variação positiva de caixa líquido, entretanto, no ano de 2013 teve variação negativa de R\$ 18.402. Também se evidencia o pico de R\$ 167.861 de geração de recursos que se destacam diante dos valores apresentados nos demais anos.

No que tange ao operacional da empresa, nota-se que ela obteve variações positivas em todo o período analisado, iniciando o período com R\$ 140.557 e encerrando com R\$ 200.346.

Nas atividades de investimentos, percebe-se que a empresa teve variações negativas em quase todos os anos, excetuando o ano de 2015, que terminou positivo em R\$ 2.102.

Nas atividades de financiamento, observa-se uma variação positiva nos anos de 2011, 2012 e 2014, porém, pode-se ler também que o período analisado encerrou com uma variação negativa de R\$ 164.096.

Comparando os dizeres acima, é possível perceber que as atividades de financiamento da empresa consumiram nos dois primeiros anos todos os recursos gerados pela atividade operacional e quase se equiparou no ano de 2013. A empresa também obteve muitos recursos originados de financiamento.

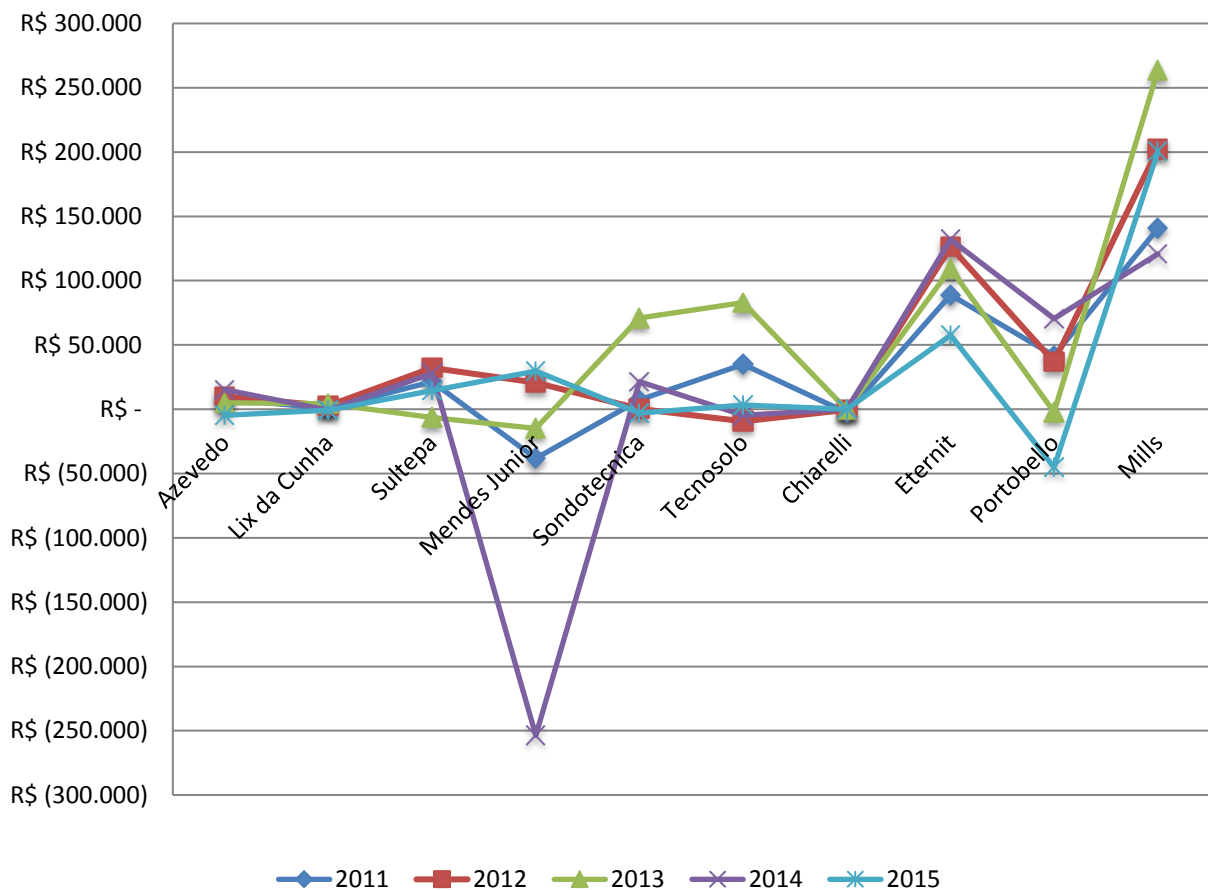
4.3 ANÁLISE CONJUNTA DA EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES

Este tópico demonstra a análise conjunta das atividades evidenciadas na Demonstração dos Fluxos de Caixa de todas as empresas estudadas no período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia listada na BM&FBOVESPA.

4.3.1 Análise das atividades operacionais

Esta análise busca apresentar a evolução das Atividades Operacionais, caracterizada como as principais atividades da empresa, durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia lista na BM&FBOVESPA. Sendo assim, evidenciou-se um comparativo entre as empresas buscando semelhanças ou diferenças em relação à geração ou consumo de caixa dos fluxos operacionais, como se pode observar no Gráfico 12 a seguir.

GRÁFICO 12 - Evolução das Atividades Operacionais (2011 a 2015)



Fonte: elaborado pela autora (2017).

A empresa Haga S.A. Indústria e Comércio foi excluída do gráfico 1 por apresentar números incompatíveis com o restante da amostra, o que prejudicava a interpretação dos resultados das demais empresas.

Com base nos dados apresentados, percebe-se que apenas duas das onze empresas estudadas iniciaram o período estudado apresentando valores operacionais negativos, com valores que representam 36.985,71% (Cerâmica Chiarelli S.A.) e 1.686,01% (Mendes Junior Engenharia S.A.) do caixa operacional líquido negativo dessas empresas do referido período. Ainda no ano de 2011, a maior variação em relação ao caixa líquido gerado ficou por conta da empresa Haga S.A. Indústria e Comércio com o caixa operacional representando 5.101,83%.

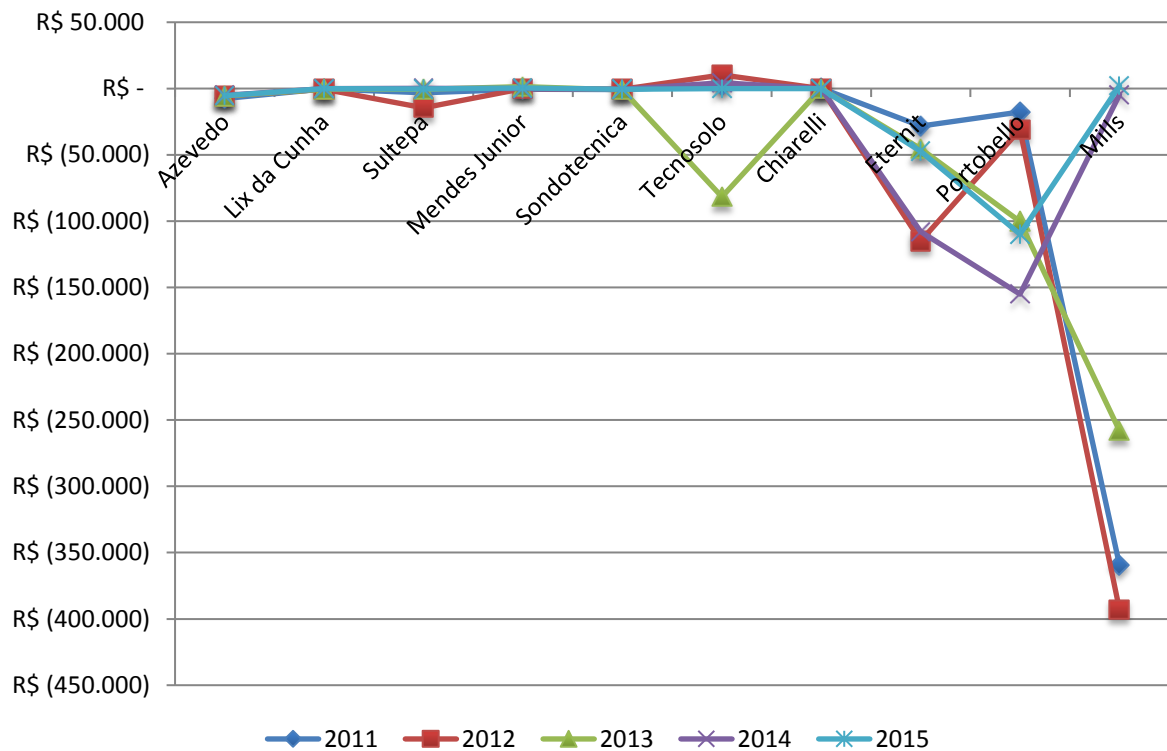
É possível identificar no gráfico 1 uma influência dos valores apresentados no ano inicial do período estudado, tendo apenas 3 empresas que se destacaram das demais: Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A., Eternit S.A. e Haga S.A. Indústria e Comércio. Entretanto, verifica-se também que tais empresas não conseguiram manter seus números durante a amostra, sofrendo quedas em algum dos 5 anos analisados. Dos dados coletados, a empresa que manteve seus resultados foi a Cerâmica Chiarelli S.A. com um desvio padrão de 1.074, entretanto, como a referida empresa não apresentou valores em todos os 5 anos da amostra, cabe menção a segunda empresa com melhor desvio padrão, a Construtora Lix da Cunha S.A. que apresentou desvio padrão de 2.248.

Dentro do período analisado, a empresa que apresentou a maior queda de recursos operacionais gerados foi a Mendes Junior Engenharia S.A., com um valor negativo de recurso operacional gerado equivalente a 975.500% do caixa líquido do ano de 2014.

Analisando esses valores em conjunto, é possível perceber que o fluxo operacional é o principal responsável pela geração de caixa de todo o período estudado, representando 69% de todo o caixa gerado e 22% do caixa consumido, ou seja, predominantemente no setor de construção e engenharia está o fluxo de caixa operacional.

4.3.2 Análise das atividades de investimentos

Esta análise busca evidenciar a evolução dos fluxos das Atividades de Investimentos, durante o período de 2011 a 2015 no setor de construção e engenharia listada na BM&FBOVESPA. Apresentou-se a diferenciação da geração ou consumo de caixa das atividades de investimentos entre as empresas analisadas, conforme exposto no Gráfico 13 a seguir.

GRÁFICO 13 - Evolução das Atividades de Investimento (2011 a 2015)

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Novamente, a empresa Haga S.A. Indústria e Comércio foi suprimida do gráfico 2 para proporcionar melhor visualização dos valores, visto que seus valores apresentados possuem diferença discrepante do restante da amostra.

Observa-se, a partir do gráfico 2 que apenas duas empresas apresentaram valores positivos no fluxo de caixa de investimento, as empresas no ano inicial dessa pesquisa, sendo elas a Tecnosolo Engenharia S.A. e a Cerâmica Chiarelli S.A., com valores de R\$ 2.298 e R\$ 215 de caixa de investimento gerado, respectivamente.

A empresa com maior consumo no quesito investimento foi a Mills Estruturas E Serviços de Engenharia S.A. consumindo durante os anos de estudo o equivalente a 5.512,46% do caixa líquido gerado no período.

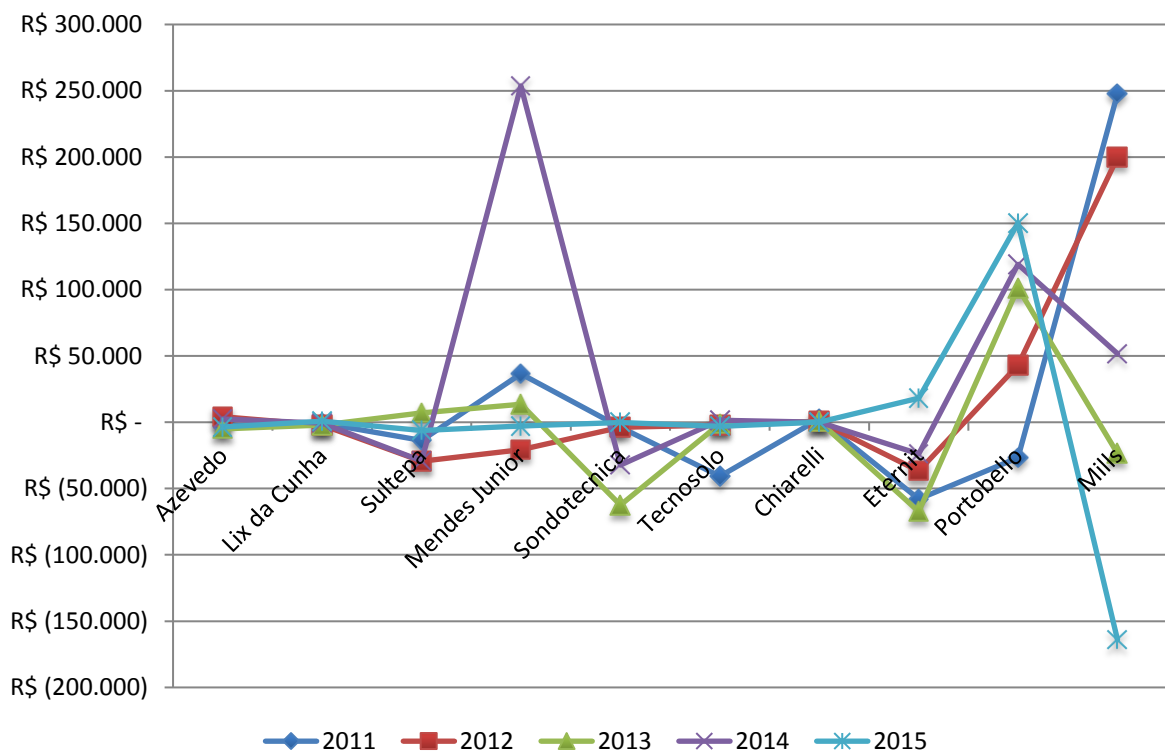
Também é possível verificar que a empresa com menor variação entre seus anos foi a Sondotecnica Engenharia Solos S.A. com desvio padrão de 234, desconsiderando a Cerâmica Chiarelli S.A. que apresentou valor em apenas um exercício dos 5 estudados.

Analisando esses valores em conjunto é possível notar que os fluxos de caixa das atividades de investimentos é o principal responsável pelo consumo de caixa de todo período estudado, representando 41% de caixa consumido e apenas 2% do caixa gerado, predominante no setor de construção e engenharia.

4.3.3 Análise das atividades de financiamentos

A análise a seguir busca apresentar a evolução dos fluxos de caixa das atividades de financiamentos, durante o período de 2011 a 2015 das empresas analisadas do setor de construção e engenharia listadas na BM&FBOVESPA. Com isso foram apresentadas as semelhanças e a diferença das evidenciações do caixa gerado e consumido das atividades de financiamentos, das empresas estudadas, conforme o Gráfico 14.

GRÁFICO 14 - Evolução das Atividades de Financiamento (2011 a 2015)



Fonte: elaborado pela autora (2017).

Os dados da empresa Haga S.A. Indústria e Comércio foram retirados do gráfico 3 por possuir uma diferença grande entre os demais dados e fazer com que houvesse dificuldade de interpretá-los.

No fluxo de caixa de financiamento é possível identificar que as empresas em sua maioria iniciaram o período com valores próximos, excetuando as empresas Haga S.A Indústria e Comércio e Mills Estruturas e Serviços de Engenharia S.A.

É possível identificar no gráfico três que a empresa Mills apresentou quedas nos valores rendidos por suas atividades de financiamento, iniciando o período originando caixa equivalente a 854,99% do caixa líquido produzido e terminando o período estudado consumindo 427,87% do caixa líquido concebido no exercício. Outra informação possível de extrair no referido gráfico é o progresso em geração de caixa de financiamento da empresa Mendes Junior Engenharia S.A. que obteve pico de R\$253.604 de caixa gerado nas atividades de financiamento, o maior de toda a amostra.

Das empresas estudadas, a que apresentou menor variação entre seus dados referente ao fluxo de caixa de financiamento foi a Cerâmica Chiarelli S.A. com desvio padrão de 984, entretanto, como essa empresa não apresentou dados em alguns dos 5 anos analisados, cabe mencionar a segunda empresa com menor variação desses índices Construtora Lix da Cunha S.A. com desvio padrão de 1.201.

Analisando esses valores em conjunto é perceptível que o fluxo de caixa das atividades de financiamento é representado por 29% do caixa gerado e 37% do caixa consumido, predominante ao setor de construção e engenharia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou a importância que a Demonstração dos Fluxos de Caixa possui quando o assunto se refere ao gerenciamento e controle do caixa das empresas. A evidenciação da DFC permite que as empresas tenham ciência da saúde financeira e, principalmente em um mundo corporativo competitivo, auxilia na tomada de decisões.

Sendo assim, o presente estudo buscou demonstrar através da relação dos 3 grupos de atividades da Demonstração do Fluxo de Caixa, as fontes dos recursos das empresas listadas na BM&FBOVESPA no setor de construção e engenharia e como estão sendo aplicados esses recursos no dia a dia destas empresas.

Um dos pontos demonstrados nesse trabalho foi a presença da demonstração do fluxo de caixa em quase todas as empresas em todos os anos estudados. Apenas a empresa Cerâmica Chiarelli S.A. que representou 9,09% da amostra, não apresentou a referida demonstração em todos os anos compreendidos no período desta pesquisa, o que indica a importância dada pelos conselhos de administração nessa ferramenta contábil em seus planejamentos.

Este trabalho buscou apresentar como objetivo geral o quanto cada atividade contribui para formação do caixa líquido nas empresas do subsetor de construção e engenharia. Com isso foi feito o levantamento dos demonstrativos apresentados no site da BMF&BOVESPA e constatado que no dia analisado foi apurado 11 empresas que apresentaram seus demonstrativos.

Com isso foi constatado de forma individual o quanto cada fluxo de caixa contribuiu para a formação do caixa líquido de cada empresa.

O Quadro 5 apresenta os resultados obtidos através da análise individuais entre o período de 2011 a 2015:

QUADRO 5 - Resultado das Análises Individuais

EMPRESAS	GERAÇÃO DE RECURSOS			CONSUMO DE RECURSOS		
	OPER.	INVEST.	FINAN.	OPER.	INVEST.	FINAN.
Azevedo	85%	-	15%	10%	65%	25%
Lix da cunha	91%	-	9%	18%	18%	64%
Sultepa	93%	-	7%	6%	18%	76%
Mendes Junior	15%	1%	84 %	86%	-	14%
Sondotecnica	100%	-	-	3%	3%	94%
Tecnosolo	87%	12%	1%	10%	57%	33%
Chiarelli	-	6%	94%	100%	-	-
Eternit	100%	-	-	-	63%	37%
Haga S/A	100%	-	-	-	61%	39%
Portobello	26%	-	74%	10%	85%	5%
Mills	65%	-	35%	-	84%	16%

Fonte: elaborado pela autora (2017).

Através desta análise conclui-se que as empresas do setor de construção e engenharia listadas na BM&FBOVESPA, têm como principal geradora de recursos às atividades operacionais, que é o esperado de tais atividades, que ela gere recursos suficientes a fim de assegurar a manutenção das atividades da entidade.

As atividades de investimentos foram a principal responsável pelo consumo de recursos nas empresas estudadas. Pode-se observar que apenas uma empresa foge dessa perspectiva que é a Chiarelli que teve como sua principal financiadora de recursos as atividades de financiamento representando 96% de geração de caixa líquido, que pode significar um sinal de alerta para esta entidade, pois suas atividades operacionais não conseguiram suprir as necessidades de caixa desta entidade.

Ao analisar as empresas como um todo, observa-se que as atividades operacionais que mais contribuíram para geração de caixa líquido, perfazendo um total de 69% de todos os recursos gerados. Pode-se ressaltar que neste setor as principais atividades da empresa efetivamente são as maiores responsáveis pela saúde financeira das entidades. Em segundo lugar surgem as atividades de financiamento que representam 29% dos recursos gerados. E em terceiro e último lugar surgem às atividades de investimentos representando 2% do total de recursos gerados por estas entidades.

Quanto ao consumo as atividades de investimento se mantêm no topo, representando 41% do total de caixa consumido pelas empresas estudadas, seguida pelas atividades de

financiamento que representaram 37% do caixa consumido, e as atividades operacionais com 22% de consumo.

As atividades de investimento basicamente caracterizam-se pela movimentação no ativo não circulante, então pode ser considerada normal o seu alto consumo de recursos. As atividades de financiamento constituem pelas movimentações financeiras que são caracterizadas pelas captações e pagamentos de empréstimos e financiamentos então também podem ser considerados normais o seu consumo de caixa.

Sendo assim, o objetivo geral e específicos da pesquisa foram atendidos, visto que foram apresentados os conceitos e estruturas da Demonstração dos Fluxos de Caixa, seguida do problema de pesquisa que apresentou o quanto cada atividade contribuiu para formação do caixa líquido das empresas do setor de construção de engenharia listadas na BM&FBOVESPA. Recomenda-se como sugestão para trabalhos futuros efetuar a mesma análise em outros setores ainda não estudados, com finalidade de averiguar a forma que cada atividade influência e contribui para o caixa líquido das empresas diferentes setores.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, O. R. *Comentários às Novas Regras Contábeis Brasileiras*. 4. ed., São Paulo: IOB, 2008. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/iobnews/comentarios-s-novas-regras-contbeis-4-ed-web>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- BM&FBOVESPA. *Empresas listadas*. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/ciaslistadas/empresaslistadas/BuscaEmpre.aspx?idioma=pt-br>>. Acesso em: 14 mai. 2016;
- BRAGA, H. R.; ALMEIDA, M. C. *Mudança Contábeis na Lei Societária: lei nº 11.638, de 28-12-2007*. São Paulo: Atlas, 2008.
- BRASIL. *Lei nº 11.638, de 28 de dezembro de 2007*. Altera e revoga dispositivos da Lei no 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e da Lei no 6.385, de 7 de dezembro de 1976, e estende às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de demonstrações financeiras. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 28 de dezembro de 2007, Edição extra. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2007/lei/111638.htm>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- CFC - Conselho Federal de Contabilidade. *NBC TG 03 - Demonstração dos Fluxos de Caixa, de 07 de outubro de 2010*. Aprova a NBC TG 03 (NBC T 3.8) - Demonstração dos Fluxos de Caixa. Disponível em: <http://www1.cfc.org.br/sisweb/sre/detalhes_sre.aspx?codigo=2010/001296>. Acesso em: 15 abr. 2017.
- CPC - Comitê de Pronunciamentos Contábeis. *Pronunciamento técnico CPC 03 (R2)*. Demonstração dos Fluxos de Caixa. 2010. Disponível em: <http://static.cpc.mediagroup.com.br/Documentos/183_CPC_03_R2_rev%2004.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- FERRARI, E. L. *Análise das Demonstrações Contábeis: inclui as seguintes posições dos Pronunciamentos Técnicos do CPC (Comitê de Pronunciamentos Contábeis): CPC 00 (R1), CPC 03 (R2), CPC 09, CPC 16 (R1), CPC 21 (R1), CPC 26 (R1), CPC 30 (R1), CPC 41*. Niterói RJ: Editora Impetus, 2014.
- FREITAS, E. C.; PRODANOV, C. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://www.faatensino.com.br/wp-content/uploads/2014/11/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2017.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.
- _____. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.
- HEERDT, M. L.; LEONEL, V. *Metodologia científica e da pesquisa: livro didático*. 5. ed. Palhoça: Unisul Virtual, 2007.

JUSTI, J.; VIEIRA, T. P. *Manual para padronização de trabalhos de graduação e pós-graduação lato sensu e stricto sensu*. Rio Verde: Ed. UniRV, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003.

MARION, J. C. *Contabilidade empresarial: a contabilidade como instrumento de análise, gerência e decisão as demonstrações contábeis: origens e finalidades os aspectos fiscais e contábeis das leis em vigor – atualizada conforme Lei nº 11.638/07, MP nº 449/08 e Lei 11.941/09*. 17. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2015.

MARTINS, E.; GELBCKE, E. R.; SANTOS, A.; IUDÍCIBUS, S. *Manual de Contabilidade Societária – aplicável a todas as sociedades de acordo com as normas internacionais e do CPC*. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2013.

MATARAZZO, D. C. *Análise financeira de balanços: abordagem gerencial*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, L. M.; PEREZ JUNIOR, J. H.; SILVA, C. A. S. *Controladoria estratégica: textos e casos práticos com solução*. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

RIBEIRO, O. M. *Contabilidade geral fácil*. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

RICHARDSON, R. J.; PERES, J. A. S.; WANDERLEY, J. C. V.; CORREIA, L. M.; PERES, M. H. M. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/226198537/01-Richardson-Pesquisa-Social-MCtodos-e-TCnicas-pdf-PdfCompressor-643562>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. B. *Metodologia de Pesquisa*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, A. C. R. *Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade: orientações de estudos, projetos, artigos, relatórios, monografias, dissertações, teses*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, D. Z. G.; NEIVA, R. M. O Fluxo de caixa como ferramenta de gestão financeira e estratégia nas empresas. *Revista da Faculdade de Administração e Economia - ReFAE*, Instituto Metodista de Ensino Superior, [s.1.], v. 2, n. 1, p.23-35, 31 dez. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-9583/refae.v2n1p23-35>>. Acesso em: 24 mar. 2017.